

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 73 · Nº 783 · €1,80

Agosto 2012

*Serão as
Bem-aventuranças
uma progressão?*

Chegar ao Topo



Relação ADRA – Igreja

Há lugar para o trabalho social da Igreja e para uma Associação mais humanitária.

12



Passado, Presente e Futuro

O que celebramos sempre que participamos na Ceia do Senhor.

24



A Maravilhosa Família de Deus

Criador e Mantenedor de todos, Deus é "um só Deus e Pai de todos..."

34



O Toque da Mão do Mestre

Estava maltratado e amassado, e o leiloeiro
Pensou que quase nem valia a pena
Perder tanto tempo com o velho violino.
Porém, segurou-o com um sorriso.
"Quanto me oferecem, meus amigos?" – perguntou.
"Quem dará o primeiro lance?"
Um dólar, um dólar e meio, e então, dois! "Apenas dois?
Três dólares, dou-lhe uma; três dólares, dou-lhe duas;
Três dólares, dou-lhe..."
O leiloeiro detém-se.
Lá do fundo do salão, um homem grisalho
Veio até à frente e tomou o arco;
Depois, limpando o pó do velho violino,
E afinando as cordas frouxas,
Tocou uma doce e pura melodia.
Como canta um anjo em celestial harmonia.
Cessa a música, e o leiloeiro,
Com voz suave e calma,
Diz: "O que me oferecem pelo velho violino?"
E segura-o bem alto, juntamente com o arco.
"Mil dólares! E quem oferecerá dois?
Dois mil. Alguém dá três?
Três mil, dou-lhe uma; três mil, dou-lhe duas;
Três mil, dou-lhe três. Vendido", diz ele.
As pessoas aplaudem, mas algumas protestam,
Com voz agreste:
"Não compreendemos nada.
O que alterou o seu valor?"
A resposta vem imediata:
"O toque da mão de um mestre."
Muitas vezes, um homem, com a vida desafinada,
Maltratado e marcado pelo destino,
É vendido barato à multidão descuidada,
Assim como o velho violino.
Um prato de sopa; um copo de vinho;
Um jogo – e ele continua o seu caminho.
Vai uma, ... e vão duas, ...
Vai a terceira... e foi...
Mas, eis que chega o Mestre, e a tola multidão
Nunca compreende o valor de uma alma
E a mudança de coração
Operada
Pelo toque da mão do Mestre.

Myra B. Welsh
Gostando da Vida

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

Índice

MORDOMIA



11

A Oferta do 13º Sábado

O trabalho mundial da Igreja tem progredido muito rapidamente graças à recolha, quatro vezes por ano, de uma oferta especial.

VIDA CRISTÃ



24

Perdoar Aqueles que Nos Ofendem

É um dos desafios mais difíceis que enfrentamos. Mas o que envolve realmente o perdão?

PÁGINA DA CRIANÇA



29

Prazer em Aprender

EDITORIAL

04 Construir com Sabedoria

05 Memo

ARTIGO DE FUNDO

06 Chegar ao Topo

Aqueles que estavam sentados na encosta da montanha perto do Mar da Galileia tinham uma esperança. Seria ela correspondida?

ADRA

12 Tem a ADRA uma Responsabilidade Perante a Igreja?

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem estado envolvida, desde os seus primórdios, no lidar com as necessidades espirituais e físicas das pessoas.

17 Notícias Nacionais

- Mirandela
- Casal de Cambra
- Ponta Delgada
- Porto
- Elvas

CIÊNCIA E RELIGIÃO

20 Imitando a Natureza – Parte 4

O processo de fabrico da Natureza pode ser descrito, em geral, como uma forma de acrescentar informação às matérias-primas, sem necessitar de desperdiçar energia com altas temperaturas ou criando subprodutos tóxicos.

CRENÇAS FUNDAMENTAIS ASD

24 Passado, Presente e Futuro

A Ceia do Senhor não é realizada para satisfazer a vontade de beber o sumo de uva, tão raro. Há algo mais além dos símbolos.

30 Novos Responsáveis

Fruto dos trabalhos da Assembleia Administrativa, houve alterações e mudanças na nomeação e distribuição dos obreiros da União.

REFLEXÃO

34 A Maravilhosa Família de Deus

Não é necessário ver o telejornal para saber que não estamos a agir como irmãos e irmãs... Se somos uma família, somos uma família muito disfuncional.

Construir com Sabedoria

Um carpinteiro já idoso estava pronto para se aposentar. Informou o chefe do seu desejo de sair da firma de construção e de passar mais tempo com a sua família. Certamente iria sentir falta do salário, mas realmente queria aposentar-se. A empresa não seria muito afetada pela saída do carpinteiro, mas o chefe estava triste por ver um bom funcionário partir e pediu ao carpinteiro o favor de trabalhar em mais um projeto.

O carpinteiro concordou, mas era fácil de ver que não estava entusiasmado com a ideia. Por isso, limitou-se a fazer um trabalho de segunda qualidade e usou materiais inadequados. Foi uma maneira negativa de terminar a sua carreira.

Quando o carpinteiro acabou, o chefe veio fazer a inspeção da casa. Depois, entregou-lhe a chave da casa, e disse: “Esta casa é sua. É o meu presente para si.” O carpinteiro ficou muito surpreso. Que pena! Se ele soubesse que estava a construir a sua própria casa teria feito tudo diferente.

O mesmo acontece connosco. Nós construímos a nossa vida, um dia de cada vez e, muitas vezes, fazendo menos do que o melhor possível nessa construção. Depois, com surpresa, descobrimos que precisamos de viver na casa que construímos. Se nós pudessemos fazer tudo de novo, fariamos diferente. Mas, não podemos voltar atrás. Cada um de nós é um carpinteiro. Todos os dias pregamos pregos, ajustamos tábuas e construímos paredes. As nossas atitudes e escolhas de hoje estão a construir a casa em que vamos morar amanhã.

Parafraseando as palavras de Cristo (Mateus 7:24-27), se formos sábios construiremos a casa do nosso caráter alicerçada em Cristo e no Seu amor por nós. Ele nos dará as instruções e os materiais da melhor qualidade, e assim construiremos um palácio. Outro

fundamento será ruinoso e levará à perda do objetivo final da nossa caminhada nesta Terra: a vida eterna.

Mas Deus ama-nos tanto que não nos deixa construir a nossa casa sozinhos. Ele está sempre presente e garante-nos o prosseguimento da obra. E o Seu objetivo é que a nossa casa dê testemunho do poder perdoador e salvador de Jesus.

Qual é o nosso objetivo, ao construirmos a nossa casa? Será apenas algo que temos de fazer, ou pomos o nosso coração na construção? O nosso objetivo deve ser falar e viver Jesus Cristo, levando-O àqueles

As nossas atitudes e escolhas de hoje estão a construir a casa em que vamos morar amanhã.

que nos rodeiam. Apresentar Jesus, de tal forma que todos conheçam quem Ele é e o que Ele fez por nós e em nós.

Somos testemunhas de Cristo e isso deve ser visível no nosso dia-a-dia, em cada atitude e atos nossos. Tendo o amor de Deus no nosso coração e estendendo as mãos àqueles que estão carentes de esperança e de propósito na sua vida, viveremos uma experiência espiritual vitoriosa.

Com a sabedoria e a direção do Espírito Santo anunciemos, com a nossa vida, o Evangelho da salvação, pois Deus tem um povo neste País.

Oro para que os temas incluídos nesta nossa Revista nos ajudem a focar ainda mais o olhar em Jesus, “autor e consumidor” da nossa fé. ♣



· **António Rodrigues**,
presidente da UPASD

Dias Especiais e Ofertas

A G O S T O

04	Evangelismo da Missão Global
08	ACNAC Desbravadores (Término)
09 a 19	ACNAC Companheiros
11	Implantação de Igrejas
20 a 29	Acampamento Nacional de Famílias
22 a 02/09	Impacto 2012
25	Educação
31	Encontro Nacional dos Ministérios da Criança (Início)

S E T E M B R O

01	Evangelismo Leigo
02	Encontro Nacional dos Ministérios da Criança (Término)
07 a 09	ACNAC Rebentos e Formação de Dirigentes e Tutores
08	ADRA – Portugal
09	Encontro Nacional de Colportores
15	Dia do Desbravador
22	Dia de Sensibilização Contra o Abuso e a Violência
29	Dia da União Familiar
29	13º Sábado – Divisão Sul da África-Oceano Índico

A G O S T O

- 6-10 – União Franco-Belga (FBU)
 13-17 – Associação Baden-Wuerttemberg (SGU)
 20-24 – Seminário Teológico Sofia (BU)
 27-31 – Casa Publicadora Advent-Verlag, Krattigen (SU)



S E T E M B R O

- 3-7 – Casa Publicadora Búlgara (BU)
 10-14 – Delegações da ADRA na Europa (EUD)
 17-21 – Colégio de Marienhöhe (EUD)
 24-28 – Associação do Banat (RU)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Paz e alegria

Paz e alegria. Quando pronuncia estas palavras o que é que sente? Para mim, é como ter serenidade e felicidade ao mesmo tempo. É uma sensação agradável. Na presença do Senhor há paz e alegria.

E é essa mesma paz e alegria que o diabo se esforça diariamente para nos tirar. Através do pecado, o diabo primeiro tira-nos a alegria, e depois a paz. Em seguida, começamos a questionar Deus e tornamo-nos cristãos mornos. Finalmente, o diabo dá o último passo, e faz com que percamos a justiça de Jesus, ao afastar-nos de Deus.

Como é que podemos combater isto? Aqui ficam três coisas simples que podemos fazer, em todas as situações que enfrentemos:

Alegrar-nos sempre.

Orar continuamente.

Ser gratos por todas as coisas.

“E o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça, repouso e segurança, para sempre” – (Isaías 32:17). ✨

Don Moen

Thoughts for the week

ANTENA 1
RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h

..... ANTENA 1, a partir das 22h47

- 13/08 (segunda-feira)
- 03/09 (segunda-feira)
- 24/09 (segunda-feira)

RTP2 ANTENA 1

CAMINHOS

RTP2, às 09h

ANTENA 1, a partir das 06h

26/08 (domingo)

Envie os seus textos para:

Revista Adventista (A/C Lara Varandas)

Publicadora SerVir, S. A.

Rua da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

ou para: lara.pservir@sapo.pt

CHEGAR AO TOPO

SERÃO AS BEM-AVENTURANÇAS UMA PROGRESSÃO?

Aqueles que estavam sentados na encosta da montanha perto do Mar da Galileia tinham uma esperança. Muitas pessoas tinham ouvido falar sobre o casamento e a transformação da água em vinho. Existiam relatos sobre um trovão e uma voz que dizia: “Este é o Meu Filho amado”, algo pouco usual, por isso existia alguma expectativa.

Na inauguração, no início do Seu ministério público, o que diria Jesus? A melhor parte de 20 anos de preparação e o que foi que Ele escolheu dizer? “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mat. 5:3).

Estas palavras, segundo Ellen White, eram “um ensino estranho e novo” (*O Maior Discurso de Cristo*, p. 6). Eram radicais. Eram como uma bomba largada sobre o Judaísmo do primeiro século. Não, não são os Fariseus. Nem os Saduceus. Nem os Essênios. Nem mesmo os Zelotes.¹ Jesus não Se envolveu com nenhum destes. Ele tinha uma missão distinta. Eu iria ao ponto de dizer que, juntamente com a missão e a mensagem distintas de Jesus, veio uma metodologia distinta.

“As Suas palavras golpearam na própria raiz as suas anteriores ideias e opiniões; obedecer-Lhe aos ensinamentos, exigiria uma mudança de todos os seus hábitos de pensar e agir” (*Idem*, p. 167). As palavras de Ellen White ainda se tornam mais fantásticas. “Pô-los-ia em choque com os seus mestres religiosos, pois envolveria o desmoronamento de toda a estrutura que, por gerações, os rabis tinham estado a construir” (*Ibid.*).

NA PRIMAVERA DE 2011, ESTE SERMÃO FOI APRESENTADO NA SEMANA DE REAVIVAMENTO ESPIRITUAL, NA CONFERÊNCIA GERAL DOS ASD, EM SILVER SPRING (MARYLAND, EUA) E FOI ADAPTADO PARA IMPRESSÃO. CONSERVAMOS INTACTAS ALGUMAS DAS CARACTERÍSTICAS ÚNICAS DA APRESENTAÇÃO ORAL. – EDITORES.

E agora, isto soa a quê? Ao ruir da estrutura. Amigos, é uma revolução. Jesus, no Monte das Bem-aventuranças, não é somente revelador, Ele é revolucionário. Ouçam o que foi dito: “Envolveria o desmoronamento de toda a estrutura que, por gerações, os rabis tinham estado a construir.” Jesus é o revolucionário por excelência.

Ellen White prossegue: “No Sermon do Monte, procurou desfazer o trabalho que tinha sido feito pela falsa educação” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 246). Não se tratava tanto do que Jesus precisava de lhes ensinar, mas sim do que Ele devia ensiná-los a desaprender; Jesus devia “desfazer” o trabalho que tinha sido moldado pela falsa educação “e dar aos Seus ouvintes o conceito exato do Seu reino, bem como do Seu próprio caráter” (*Ibid.*).

Ao falar para um público muito diversificado que juntou as diferenças culturais, religiosas, sociais e psicológicas, Jesus teve que re fazer todo o pensamento lógico.

O Primeiro Passo

Tendo em mente o desejo de Jesus de desfazer o que tinha sido aprendido, vamos ler Mateus 5. Gostaria de introduzir uma nova forma de olhar para as Bem-aventuranças. Muitos de nós, por vezes, temos a tendência, no nosso estudo negligente das Escrituras, de olhar para as Bem-aventuranças como pérolas de sabedoria isoladas e desconexas.

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.” Isto é tão agradável, como um chocalatinho recheado de espiritualidade. É como *canja de galinha para a alma*, ao estilo do primeiro século.

Mas vejam o que Jesus faz nesta situação. “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.” O primeiro passo

na caminhada espiritual de qualquer pessoa é reconhecer a sua pobreza espiritual. A caminhada de todas as pessoas começa aqui, no mesmo lugar. Somente aqueles que reconhecem que, a algum nível, estão empobrecidos espiritualmente procurarão uma solução para o seu empobrecimento. Por isso, quando Jesus fala aqui, do topo do Sinai da nova aliança, Ele não fala somente aos Fariseus, ou aos Saduceus, ou aos Essênios, ou aos Zelotes; Ele fala para a humanidade. Ele está a dirigir-Se aos Chineses, Africanos, Sul-americanos. ... Ele fala para todos.

E Jesus não está a oferecer gotas de sabedoria espiritual isoladas e desiguais. Existe, pelo contrário, um desenvolvimento sequencial

A nossa mensagem é, na sua essência, uma mensagem de paz, de que Deus fez as pazes com a humanidade.

nas Bem-aventuranças. Isto vai tornar-se mais claro à medida que desenvolvermos este estudo. A caminhada espiritual de qualquer pessoa começa onde Jesus indica – com o reconhecimento da sua pobreza espiritual básica. O ladrão na cruz só sabia que estava assustado e que tinha problemas. Sabia que estava pregado numa cruz. Sabia que não sairia daquela cruz. E nesse momento de terror, ele voltou-se para Jesus e disse: “Senhor, lembra-Te de mim, quando entrares no Teu reino” (Luc. 23:42). Quando Jesus respondeu: “Estarás comigo no paraíso” (v. 43), a sua caminhada começou.

Os Que Choram

A caminhada de qualquer pessoa começa assim. Contudo, para aqueles que não estão pregados numa cruz (felizmente, a maioria

de nós), existe uma progressão na nossa experiência espiritual. Não somente reconhecemos a nossa pobreza espiritual, mas, se tivermos tempo suficiente e maturidade espiritual, começaremos a lamentar a nossa condição espiritual. Acerca da nossa condição espiritual, Jesus diz, não simplesmente “Bem-aventurados os pobres de espírito”, mas acrescenta, “Bem-aventurados os que choram”, por causa dessa condição, “porque eles serão consolados”.

Esta é a experiência do arrependimento, um arrependimento genuíno, através do qual nos arrependemos não somente das consequências das nossas ações, mas das próprias ações. “Bem-aventurados os que choram” –

bem-aventurados são aqueles que reconhecem, de um modo cada vez mais profundo e ressonante, o seu empobrecimento espiritual, e lamentam o seu estado espiritual.

Ellen White escreveu: “Não há um ponto que necessite de ser realçado com mais diligência, repetido com mais frequência ou estabelecido com mais firmeza na mente de todos, do que a impossibilidade de o homem caído merecer alguma coisa por suas próprias e melhores boas obras” (*Fé e Obras*, p. 19). Ela diz-nos que é nisto que devemos pensar – na nossa natureza caída e, por acréscimo, na grandiosidade de Deus.

Necessitamos de viver esta experiência diariamente; será suficientemente frequente? Necessitamos de estar conscientes daquilo que seríamos sem Deus. Nas palavras de John Wesley: “A não ser pela graça de Deus, aí vou eu.”

E depois? Jesus disse: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra” (Mat. 5:5).

Depois de reconhecermos a nossa pobreza espiritual – e de lamentarmos essa condição espiritual – apercebemo-nos de que os outros são fundamentalmente semelhantes a nós. Somos todos pecadores com necessidade de um Salvador. Esta percepção deveria ter um impacto no modo como trata-mos aqueles que nos rodeiam.

O apóstolo Paulo diz que já não conhecemos ninguém segundo a carne (II Cor. 5:16). Aquilo que devemos fazer é tentar olhar para os

uma atitude de mansidão e de semelhança com aqueles que nos rodeiam. Mas apercebemo-nos, de repente, que existe uma deficiência, uma necessidade desesperada em nós. Na realidade, a deficiência é tão grande que Jesus utiliza a linguagem da fome. Falta algo que nós sabemos que não possuímos e que não podemos obter. Estamos com fome e sede de quê? Justiça.

A linguagem de Jesus é propositadamente pitoresca neste caso. Fome e sede! Isto é algo que temos que ter. Justiça. Descobrimos uma permanente percepção da nossa necessidade da justiça de Cristo. A

mim, isto é tudo. Isto é o que nos manterá centrados. É a justiça de Cristo – e um compromisso com a mensagem básica Adventista. Isto é quem nós somos.

Não é necessário parecerem-se comigo ou serem como eu. Hoje, não usei gravata. Fiquei feliz, porque outras pessoas também não a usaram. Estamos bem. Vocês gostam dos colares de seda. Eu não gosto deles.

Com Misericórdia e Paz

Portanto, depois de termos tido fome e sede de justiça, vejamos o que se segue: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles al-



outros e – esta é a parte mais complicada – para nós mesmos através dos olhos de Jesus.

É algo inesperado, mas quando os nossos olhos são abertos, agimos como Paulo descreve; não julgamos as pessoas como elas são. De repente, vemo-las através dos olhos de Cristo. Esta nova forma de vermos cria em nós uma atitude de mansidão.

Almas Famintas

Observem em que posição nos encontramos na caminhada espiritual. Reconhecemos a nossa condição espiritual; lamentamos essa condição como um sinal de crescente maturidade e arrependimento espirituais. Isto dá-nos

maior declaração de Ellen White, na minha humilde opinião, tem que ser em *O Desejado de Todas as Nações*, na página 16: “Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados pela Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos era destinada, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. ‘Pelas Suas pisaduras fomos sarados.’”

Para mim, esta é a apresentação extrabíblica mais sucinta, mais poética, mais gloriosa, do Evangelho. Não consigo imaginar como poderia ter sido melhor redigida. Para

cançarão misericórdia” (Mat. 5:7). É muito simples, quando nos apercebemos de que obtemos a justiça de Cristo por uma única razão – a misericórdia de Deus. Ponto final.

Recebemos a justiça de Cristo e o plano da salvação e o dom da salvação por uma única razão. Deus é bom e misericordioso, e quando compreendemos que Deus nos concedeu um ato de misericórdia imerecido, isso afeta radicalmente a maneira como tratamos os outros. Começamos a tentar – e esta é a palavra adequada – tratar os outros da mesma maneira que Deus nos tem tratado. Com deferência, com bondade, com respeito e com misericórdia, porque o amor cobre uma multidão de pecados.

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.” Quando começamos a tratar os outros da mesma maneira que Cristo nos trata, acontece alguma coisa no nosso coração. Através da Sua justiça, tornamo-nos “limpos de coração” (v. 8).

A justiça chega, a verdadeira santificação acontece, quando começamos a tratar os outros da mesma maneira que Cristo nos tem tratado. Deste modo, o nosso coração começa a ser purificado. Vamos a Deus tal como estamos; Ele preenche-nos e, através da Sua misericórdia, vemos Deus – e refletimo-l’O.

sagem aos nossos irmãos e irmãs. Deus fez a paz com a humanidade no *homem* Cristo Jesus.

Pergunto-vos hoje: Não querem receber essa paz, não desejam receber esse resgate?

Essencialmente, esta é a nossa mensagem, que Deus, na pessoa de Cristo, construiu uma ponte. Jesus é a ponte entre Deus e a humanidade. A nossa mensagem é na sua essência uma mensagem de paz, de que Deus fez as pazes com a humanidade. Quando aceitamos isto e o nosso coração é transformado, a nossa vida começa a ser construída ao redor do ministério. Pergunta-

Tornar-se Numa Ameaça

Vamos passar rapidamente sobre isto. Já progredimos até ao ponto em que, na nossa mansidão, percebemos que estamos desolados. Precisamos de algo que não possuímos. Necessitamos da justiça de Deus, e Ele enche-nos dela. Começamos a tratar os outros como Deus nos tratou. Começamos a derramar misericórdia sobre os outros. Ao fazermos isto, o que acontece connosco? O nosso coração é purificado de uma maneira maravilhosa e nova ao alcançarmos os outros num ministério autêntico. Quando os alcançamos



E agora, na penúltima Bem-aventurança (Mat. 5:9), Jesus diz que, à medida que começamos a tratar os outros como Cristo nos tratou no Seu ministério, desejamos levar-lhes a mensagem do Príncipe da Paz – e o Deus da Paz que, essencialmente, é a mensagem de paz.

Em II Coríntios 5, Paulo lembra-nos de que Deus reconciliou o mundo Consigo. Romanos 5:1 acrescenta: “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.” E Deus fez a paz “pelo sangue da Sua cruz” (Col. 1:20). Neste caso, a implicação é que Jesus é o Príncipe da Paz que traz a mensagem de paz, e nós levamos essa men-

mos: *Como é que posso levar a mensagem de Cristo aos outros?*

Reparem na segunda parte da mensagem, que diz: “Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mat. 5:9). Quem era o Filho de Deus? Jesus. Assim, esta é a forma de Jesus dizer que, quando a vida toda de uma pessoa é construída ao redor da mensagem de Deus, essa pessoa torna-se como Ele. Elas tornam-se “filhas” de Deus.

Para mim, esta sequência é absolutamente profunda. E a melhor parte é a última. Aqueles de entre vós que olham para o futuro, estão a pensar: *Essa é a parte da perseguição. Sinto-me confuso com isto.* Já vamos chegar lá.

e lhes levamos água, cuidados primários de saúde, a mensagem de saúde e lhes levamos educação, quando satisfazemos as necessidades primárias da humanidade, também estamos a dizer: “Deixa-me falar-te acerca de Jesus.”

Chegamos, finalmente, ao ponto em que estamos tão preenchidos por Cristo que a nossa vida está construída ao redor do ministério e foi tão trabalhada em função da mensagem do Príncipe da Paz (e de levarmos essa mensagem aos outros) que nos tornamos numa ameaça para Satanás. Por isso é que a última Bem-aventurança diz: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça” (Mat. 5:10).

Quando Paulo foi lançado por terra na estrada para Damasco, será que Jesus perguntou: “Saulo, Saulo, porque é que persegues a Minha Igreja?”

Não. Ele perguntou: “Porque é que Me persegues?” (Atos 9:4). Quando a Igreja está muito identificada com Cristo, perseguir um é o mesmo que perseguir o outro.

Alguém disse um dia, “Podemos dizer muito sobre um homem, descobrindo quem o deseja ver morto”.

Eu desejo ser o tipo de Cristão que Satanás deseja matar. Não sejam tão ingênuos ao ponto de chegarem a pensar que o diabo deseja que todas as pessoas morram. Quem me dera que fosse assim tão fácil. Existem muitas pessoas que ele se sente feliz ao fazê-las sau-

lhos de Deus.” O que aconteceu ao tempo verbal? Mudamos do presente para o futuro.

Observem agora o que Jesus faz num golpe de absoluto e divino esplendor e encorajamento: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é...” (v. 10). O mesmo tempo verbal. Não percam isto. É a melhor parte.

Seríamos tentados a pensar, à primeira vista, que isto é um padrão quiástico, A-B-C-B-A, mas eu sugiro que é sequencial. Jesus, de maneira brilhante e encorajadora, diz-nos aqui que, se a pessoa estiver no início, se for um ladrão pregado no madeiro, e tudo o que souber é que é um pecador com necessidade de um Salvador, o Céu

rados os que sofrem perseguição, por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.”

Ele deseja que saibamos que, onde quer que estejamos ao longo desta escada das beatitudes, onde quer que estejamos na sequência, nós pertencemos-Lhe. E isto atemoriza Satanás.

Como Ellen White descreve, quando João Batista pregava, metido até à cintura nas lamacentas águas do Jordão, Satanás tremia pelo futuro do seu reino (ver *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 178 e 179).

Talvez seja você a espalhar a Palavra, em fogo por Ele. Espero que seja o caso. Mas onde quer que esteja nesta progressão, a mensagem de Jesus é inequívoca. O reino dos Céus é *vosso*.

O peso no coração de Jesus, enquanto estava naquela montanha, era dar esperança e perspectiva ao povo – dar-lhes acesso a Deus, ao Seu reino, ao Seu caráter. O Céu foi feito para aqueles que estão no final da caminhada. Perseguidos – e, talvez, mais perto do topo.

Mas “bem-aventurados os pobres de espírito”. O Céu também foi feito para as pessoas que estão no início. Foi feito para pessoas como eu, com todas as minhas verrugas, todas as minhas borbulhas, com todas as minhas falhas, fraquezas e inconsistências.

Não importa em que posição estejamos, o Céu foi feito para todos nós. “Porque *deles* é o reino dos Céus.”

• **David Asscherick,**

Diretor do Instituto Arise, um ministério de formação e discipulado em Sonora, na Califórnia

Ele deseja que saibamos que, onde quer que estejamos ao longo desta escada das beatitudes, onde quer que estejamos na sequência, nós pertencemos-Lhe.

dáveis, eminentes, belas e famosas. A perseguição é o resultado inevitável de estarmos cheios do Espírito de Cristo. “E, também, todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus, padecerão perseguições” (ver I Cor. 4:12 e II Tim. 3:12). Isto vai acontecer.

Início e Fim

Esta é a pedra de fecho. Acompanham-me até aqui, por isso agora recebem a sobremesa.

Voltemos a Mateus 5:3. “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.” Agora vejam o seguinte. Versículo 4: “... serão consolados.” Versículo 5: “... *herdarão* a Terra.” Versículo 6: “... *serão fartos*.” Versículo 7: “... *alcançarão* misericórdia.” Versículo 8: “... verão a Deus.” Versículo 9: “... *serão* chamados fi-

foi feito para si. O Céu é o seu lar.

Mas, depois, Jesus diz que, no processo de amadurecimento espiritual – a que chamaríamos santificação – a pessoa lamenta a sua condição, a sua experiência de arrependimento aprofunda-se e volta diariamente ao mesmo ponto. Vai começar a crescer e então vai começar a tratar os outros do mesmo modo que Deus a tem tratado. Tem uma atitude de mansidão, tem fome e sede de justiça. Apercebe-se de que recebeu misericórdia e deseja levá-la àqueles que a rodeiam. O seu coração começa a ser purificado, embora, por vezes, a própria pessoa não tenha disso conhecimento, e vai começar a alcançar outros com a mensagem do Príncipe da Paz. E então vai começar a ser perseguida.²

E Jesus, quando chega ao final da sequência, diz: “Bem-aventu-

Referências

1. Não vou tomar tempo para demonstrar, mas há, no mínimo, analogias amplas no Cristianismo moderno contemporâneo que seriam bem representadas por cada um destes grupos.
2. Se não está a ser perseguido, vou arriscar-me e perguntar: Não há nada para perseguir?



A Oferta do 13º SÁBADO

Ainda não éramos uma Igreja organizada, já a Escola Sabatina tinha sido instituída na Igreja Adventista em 1853, 25 anos antes de alguém pensar em recolher uma oferta para cobrir as despesas da Escola Sabatina. Em 1885, a primeira oferta para as missões foi levantada na Associação da Colúmbia com o propósito de enviar missionários para a Austrália. Nessa altura chegou à Igreja a informação de que, na Ilha de *Pitcairn*, existiam pessoas guardadoras do Sábado que queriam ser batizadas, mas que a Igreja não conseguia encontrar um navio que as ajudasse a concretizar esse desejo. Foi assim que o navio *Pitcairn* se tornou no primeiro projeto da Escola Sabatina, saindo de São Francisco a 28 de outubro de 1890 [rumo a *Pitcairn*].

O primeiro Projeto de Oferta do 13º Sábado foi introduzido em 1912, a fim de estabelecer uma missão na Índia. Já passaram cerca de quatrocentos 13º Sábados desde esse primeiro projeto, e esta oferta tem permitido à Igreja construir escolas, dormitórios, hospitais, clínicas, igrejas, lanchas missionárias, orfanatos, tipografias e universidades em todo o mundo. Muitas vezes, há mais de um projeto para a oferta e assim mais de mil projetos foram concretizados. Uma vez que o dinheiro dos dízimos não pode ser empregue na construção de edifícios, a oferta do 13º Sábado tem sido, regra geral, para projetos de construção.

O trabalho mundial da Igreja tem progredido muito rapidamente graças à recolha, quatro vezes por ano, de uma oferta na Escola Sabatina

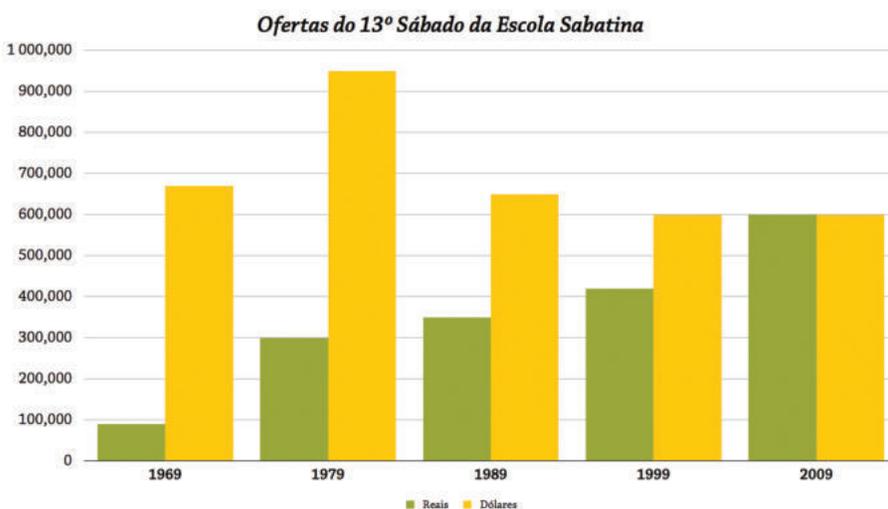
para apoiar um projeto de uma das Divisões. O facto de as histórias do boletim missionário estarem, durante aquele trimestre, centradas numa determinada Divisão e nos seus projetos, permite que a Igreja aprenda sobre as necessidades das diversas nacionalidades, raças e culturas. As crianças da Escola Sabatina crescem, aprendendo acerca dos diferentes lugares do mundo e como localizá-los num mapa. Um resultado importante tem sido a formação em mordomia desde a sua mais tenra idade, bem como o desejo de ajudar as pessoas fora do seu bairro.

A barra azul do gráfico abaixo apresenta as ofertas reais entre 1969 e 2009, em intervalos de dez anos. O crescimento das ofertas reais mostra um aumento constante. A barra vermelha representa o valor real em dólares americanos com base no Índice de Preços no Consumidor relativo a 2009. Na década de 70 houve um aumento de 50% do valor real da oferta e um decréscimo nos anos 80, 90 e 2000. Nos últimos 100 anos, a Igreja Adventista passou de 100 mil para 17 milhões de membros em todo o mundo. As ofertas do 13º Sábado têm desempenhado um importante papel nesse crescimento.

• **Dean Rogers**

Tesoureiro-Adjunto na Conferência Geral

Traduzido de *Dynamic Steward*, abril-junho 2012, Usado com a autorização dos Ministérios de Mordomia da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.



Tem a ADRA uma Responsabilidade Perante a Igreja?

UMA MUDANÇA DE PARADIGMA NOS MINISTÉRIOS ADVENTISTAS DE SERVIÇO À COMUNIDADE

Desde o início que os Adventistas do Sétimo Dia têm manifestado a sua preocupação com a “obra comunitária”, pelo que, ao longo dos anos, foram surgindo uma série de entidades específicas dentro da estrutura da Igreja, nesse domínio. Atualmente, as sociedades de Dorcas das igrejas locais perderam, de uma forma ou de outra, a importância e relevância do passado. Em alguns contextos, como o português, há ainda a considerar a reestruturação da Assistência Social Adventista (ASA) voltada, de há uns anos a esta parte, apenas para os serviços comunitários institucionais.

Por outro lado, a Associação Adventista para o Desenvolvimento, Recursos e Assistência (ADRA) – que se tornou numa organização mais profissional, capaz de atrair montantes consideráveis de financiamento secular e governamental para aplicar, sobretudo, em atividades de desenvolvimento no exterior – passou a ter, igualmente, um papel

preponderante a nível nacional. Neste contexto de mudanças, uma questão tem surgido na mente de muitas pessoas: será sensato converter as sociedades de Dorcas das igrejas locais em delegações da ADRA?

Este artigo defenderá que tanto há lugar para o trabalho social da Igreja, como para uma Associação mais humanitária orientada para a comunidade (ADRA). Embora tenham fontes diferenciadas de financiamento, ambas devem ter uma base bíblica clara para que a sua obra funcione dentro do contexto da Igreja Adventista. Devido à diversidade das suas fontes de financiamento, cada uma tem diferentes ênfases e limitações. No entanto, apesar das suas diferenças, ambas devem ser de benefício mútuo uma para com a outra e ambas precisam uma da outra para atingir o seu potencial.

Um mandato bíblico para trabalhar com os pobres

Uma das declarações fundamentais na Bíblia é: “Eis que faço novas

todas as coisas!” (Apoc. 21:5). Esta afirmação resume o que Deus tem andado a fazer: tornar o mundo inteiro novo. O evangelho inicia esse processo de recriação, transformando as pessoas de dentro para fora. Mas, a transformação não está completa até que uma amostra do novo Reino de Deus seja revelada em todas as comunidades. A transformação é Deus fazer as pessoas verdadeiramente novas, e fazê-lo agora.

Pode parecer, pelas palavras de Jesus (“os pobres sempre os tendes convosco”, Marcos 14:7), que Deus não tem intenção de mudar a condição dos pobres. A verdade, porém, é que Deus escolheu antecipar um vislumbre do Seu reino vindouro nas mais pobres comunidades da Terra. Lembrem-se da forma como João Batista estava confuso pelo modo como Jesus conduziu a Sua missão? Esperava-se que Jesus lançasse a Sua campanha sobre o juízo de Deus entre os detentores de riqueza e poder. Em Mateus 11:2-6





lemos a resposta de Jesus. Ele estava a curar as vidas despedaçadas e a comunicar o evangelho entre os pobres. A missão de Cristo junto dos pobres orientou o mandato que Ele mais tarde alargaria aos povos de todas as nações. O resultado prometido é a triunfante justiça de Deus, a qual as nações desejariam com esperança (Mateus 12:18-21).

Tal esperança bíblica leva-nos a ter consciência plena das necessidades dos pobres. No entanto, não raras vezes, desviamos a nossa atenção ao contemplarmos o desespero. Não podemos ficar alheados durante muito mais tempo daquilo que se assemelha a um holocausto crescente de dor espalhado por toda a Terra. Uma investigação mais detalhada do que Deus está atualmente a fazer revela que não existe, de facto, nenhum lugar “abandonado por Deus” neste mundo. Deus vê a angústia em cada momento de sofrimento e envia emissários do Seu reino, em grande número, para que tragam cura e ajuda em nome de Cristo.

Ministérios da Igreja Adventista do Sétimo Dia

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem estado envolvida, desde os seus primórdios, no lidar com as necessidades espirituais e físicas das pessoas. Não somente através da obra médica – que tem tido um papel vital na operação da Igreja ao nível mundial – mas também tem levantado a sua voz e estado envolvida em assuntos sociais.

Na estrutura da nossa Igreja, criámos “departamentos” em vários níveis, que são responsáveis por lidar com as necessidades espirituais, mentais e físicas das pessoas (figura 1).

Os pastores foram comissionados para lidar apenas com as necessidades espirituais das pessoas. Os médicos tornaram-se “curado-

res” físicos. As escolas de Igreja e os professores têm tido a tarefa de estar envolvidos com os aspetos mentais das crianças da Igreja. As sociedades de Dorcas foram as pioneiras em lidar com as necessidades sociais, principalmente dentro da Igreja. Mais tarde, a ASA e os Serviços Mundiais (inicialmente de beneficência) Adventistas do Sétimo Dia (SAWS, na sigla em inglês), e, hoje, a ADRA, empreendem a obra de aliviar as necessidades físicas das comunidades em geral, para além das congregações. Ao longo dos anos, estas quatro valências tiveram vários graus de “sucesso” na sua obra. Infelizmente, muitos destes “departamentos” têm funcionado independentemente, tendo, por isso, partilhado os problemas dentro da Igreja e fora dela.

1. Obra Ministerial

Cristo pediu-nos que estivéssemos envolvidos na pregação da Boa-Nova. O Seu novo Céu irá claramente ser o local onde “não haverá mais lágrimas, nem morte, nem luto, nem choro, nem dor” (Apoc. 21:4). É interessante reparar que, antes da Segunda Vinda de Cristo, quando Ele separar “as ovelhas dos bodes” (Mat. 25), Ele recompensará as ovelhas por alimentarem os famintos, aliviarem a sede dos sedentos, receberem os estrangeiros, vestirem os nus, cuidarem dos doentes e visitarem os prisioneiros.

Os Adventistas separaram o ministério da cura da “alma” do ministério da cura do “corpo”. O ministério holístico é bíblico, mas, várias vezes, é negligenciado

FIGURA 1

“Departamentos” Espirituais	“Departamentos” Mentais	“Departamentos” Físicos	“Departamentos” Sociais
Obra Ministerial Evangelismo Missão Global	Educação	Saúde Temperança	Dorcas ASA ADRA

nos círculos Adventistas. Ellen G. White lembra-nos de que “unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então [e só então] ‘Segue-Me’” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 143). Infelizmente, apenas a “pregação” a partir do púlpito tem sido reconhecida, sobretudo, como obra “ministerial”.

2. Obra Médica

A obra médica tem merecido um certo nível de prestígio. Prêmios e recompensas financeiras ajudaram a acumular grande reconhecimento. As “instituições” médicas deram grande visibilidade à obra da Igreja. Infelizmente, hoje, a obra médico-missionária foi praticamente reduzida à mera cura do lado físico dos seres humanos.

3. Obra Educacional

Os Adventistas ainda prestam uma atenção considerável à educação Cristã. Grandes somas de dinheiro são investidas em escolas de igrejas locais e na educação superior. Infelizmente, a educação nem sempre se tem mantido a preços acessíveis, nem tem acompanhado o rápido crescimento do número de membros de Igreja, especialmente no denominado mundo em vias de desenvolvimento.

A educação Adventista tem-se focado, sobretudo, na educação de níveis superiores – o que traz os seus benefícios no que toca à mobilidade e à formação de líderes. Mas, infelizmente, muitos jovens Adventistas não têm tido a oportunidade de beneficiar deste ensino (não só devido a limitações financeiras, mas também a outros constrangimentos). A formação profissional e

prática é, pois, uma área da educação a que falta dar o reconhecimento apropriado por parte das iniciativas educacionais Adventistas.

4. Obra Social

Embora os vários tipos de serviços sociais tenham sido reconhecidos no início da existência da Igreja Adventista, têm tido muita dificuldade em ser reconhecidos como “ministério” da Igreja. Com demasiada frequência, têm sido apenas vistos como “porta de entrada” para o ministério do “evangelho”. As Sagradas Escrituras e Ellen G. White oferecem conselhos claros que, frequentemente, têm sido ignorados ou esquecidos, quanto ao reconhecimento do trabalho social como um ministério “legítimo” dentro do contexto da Igreja.

As sociedades de Dorcas, quando são toleradas pelas congregações locais, são relegadas para a “cave” da igreja. Distribuir bens usados é o principal trabalho desta obra (bens, muitas vezes, descartados pelos membros de igreja). Sem dúvida que este continua a ser um “serviço” necessário entre os pobres, tanto da Igreja como de fora dela. A dedicação de milhares de membros de Igreja envolvidos nesta causa não deve ser esquecida. Mas “serviços comunitários” têm de se tornar mais relevantes para as verdadeiras necessidades das nossas sociedades.

MINISTÉRIOS SOCIAIS ADVENTISTAS DE HOJE

A ADRA tem providenciado bens e serviços além dos limites locais das congregações. Atualmente, é reconhecida internacionalmente como a agência de prestação de serviços da Igreja Adventista do Sétimo Dia para quaisquer pessoas que sejam afetadas por catástrofes naturais ou provocadas pelo homem. As sociedades de Dorcas

foram pioneiras na recolha de roupas usadas que eram enviadas para todo o mundo. A estrutura da Igreja Adventista tornou-se “fornecedora”, bem como “distribuidora”, destes bens.

Ao longo dos anos, financiadores governamentais têm reconhecido o valor de utilizarem organizações como a ADRA para distribuir não apenas bens, mas também para prestar serviços aos necessitados. Estas entidades apreciam as “agências” de desenvolvimento mundiais ligadas às Igrejas, por já



terem uma infraestrutura montada que, não só entende o contexto de trabalho, como proporciona uma boa relação custo/benefício.

A desvantagem de obter financiamentos governamentais é que estes chegam, muitas vezes, com “condições estabelecidas”. Isto é, muitos governos querem uma separação clara entre a “Igreja” e o “Estado”. Isto não significa necessariamente que não queiram usar organizações ligadas às Igrejas como parceiros, mas significa que estes parceiros

não podem usar os recursos fornecidos pelo governo para fins evangelísticos ou proselitistas.

UM NOVO OLHAR PARA OS MINISTÉRIOS SOCIAIS

Estas restrições deixam a Igreja com duas opções: ou rejeitam os recursos do governo (e dependem exclusivamente do financiamento da Igreja para os fins humanitários) ou encontram meios para trabalhar de acordo com as regras impostas pelo governo. Algumas organizações Cristãs optaram pela primeira

solução, e há boas razões para isso.

Em seguida, gostaria de analisar como a Igreja pode aprender a partir da experiência e do conhecimento da ADRA, para tornar as atividades de serviço comunitário uma parte mais integrante do seu ministério.

1. Desenvolver a Teologia de Missão e Ministério

O primeiro passo importante é que a Igreja estabeleça uma clara teologia da missão e do ministério. Ministério não é meramente pregar o evangelho a partir de um púlpito. Ellen G. White lembra-nos de que é necessário que nos coloquemos em íntimo contacto com o povo mediante esforço pessoal: “Se se empregasse menos tempo a pregar sermões, e mais fosse dedicado a serviço pessoal, maiores seriam os resultados que se veriam” (*Ciência do Bom Viver*, p. 143). Ela adverte de forma clara: “Não pro-

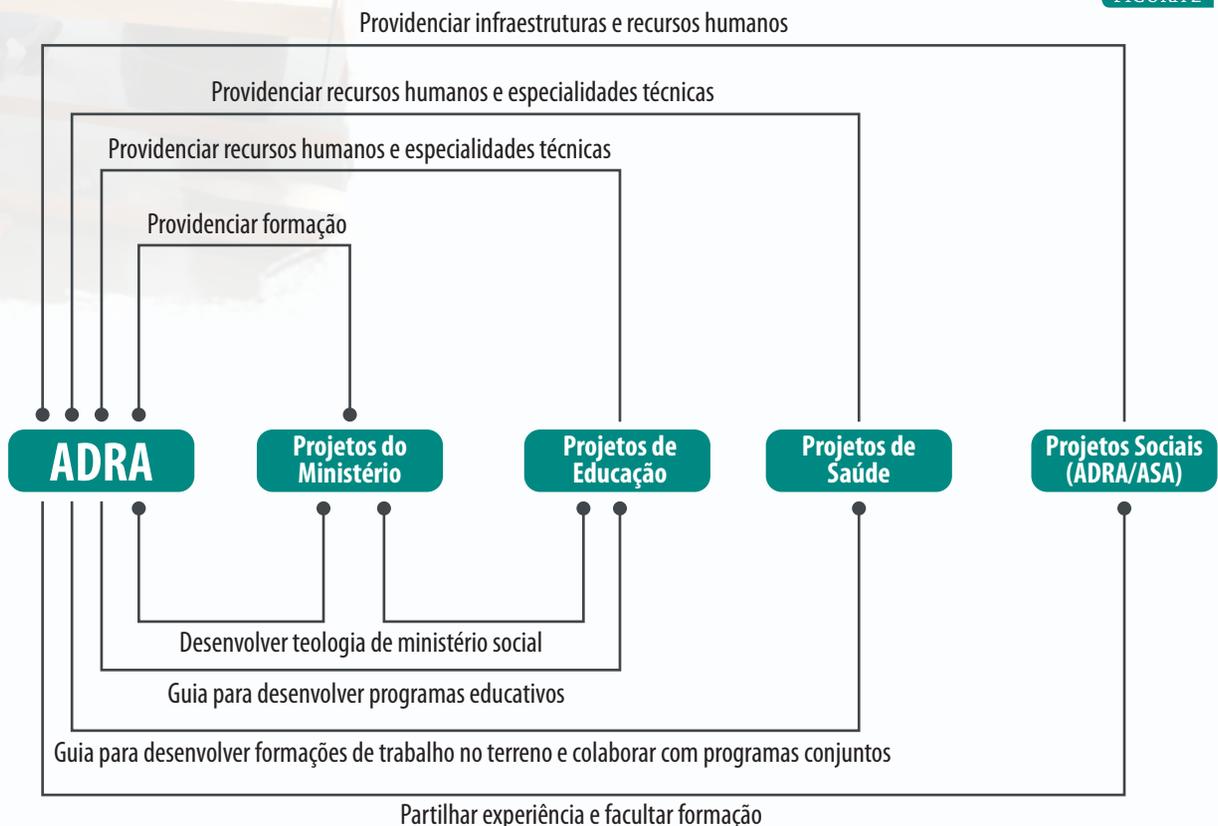
cureis tornar-vos [meros] pregadores, mas tornai-vos ministros de Deus” (*Serviço Cristão*, p. 92). O ministério de Jesus combinou inquestionavelmente pregações e atividades sociais. Após terminar um dos Seus longos sermões, Ele lembrou aos Seus discípulos que dessem aos Seus ouvintes faminosos “algo de comer” (Mar. 6:37). As Sagradas Escrituras e os livros de Ellen G. White estão cheios de admoestações que combinam os ministérios do evangelho com os ministérios sociais.

2. Desenvolver um Entendimento de “Benevolência Desinteressada”

O segundo passo importante é também teológico por natureza. O ministério de Jesus não impunha condições preconcebidas. Ele ministrava àqueles que padeciam necessidades. Até curou aqueles que nunca Lhe agradeceram pela



FIGURA 2



experiência que tiveram devido ao Seu ministério. “Benevolência Desinteressada” é um antigo conceito Adventista que necessita de ser revisitado no contexto do desenvolvimento comunitário e dos ministérios sociais. Praticar o bem, ajudar as pessoas, fazer a diferença no mundo, e “ser” Cristão sem esperar recompensas terrenas é um modelo bíblico de ministério.

3. Tornar os Ministérios Sociais Relevantes

Em terceiro lugar, o ministério tem de se tornar relevante. O evangelismo entrou no mundo da alta tecnologia. Satélites, *PowerPoint*, pregações contextualizadas, *Internet* e uma grande variedade de meios tecnológicos têm sido utilizados para pregar o evangelho.

Os ministérios sociais também têm de se tornar relevantes. A distribuição de bens, tais como roupas usadas ou cabazes alimentares deixaram de ser a resposta para os problemas da sociedade. Os ministérios de beneficência, numa lógica meramente assistencialista, têm criado muitas vezes dependência e degradado a dignidade das pessoas.

A ADRA tem sido capaz de alcançar tal relevância. Os financiadores exigiram que fossem contratados especialistas para grande parte dos projetos. Novas tecnologias, novas abordagens e lições aprendidas tornaram a agência competitiva para receber fundos de forma contínua.

4. Utilizar a Experiência e Perícia da ADRA

Esta experiência da ADRA deve ser utilizada pela Igreja. A ADRA tornou-se eficiente porque soube utilizar a infraestrutura da Igreja. Contratou-se pessoal que conhecia bem a cultura local e as comunidades. Embora limitado, tem advindo apoio financeiro a partir dos mem-

bro Adventistas (por abordagem direta às igrejas e aos seus membros para recolha de donativos).

A ADRA tem responsabilidade para com a Igreja

Se a ADRA é hoje o que é, deve-o muito à Igreja. A educação é um aspeto do desenvolvimento que não tem sido utilizado de forma eficaz pela ADRA. A educação para o desenvolvimento não só proporciona especialização técnica aos seus empregados, mas também engloba a educação dos membros de Igreja que se identificam com esta obra.

Gostaria de propor algumas abordagens na área da educação para o desenvolvimento:

- A ADRA, em colaboração com as instituições de ensino da Igreja, precisa de desenvolver um progra-

(até mesmo a operar sem a presença da ADRA), como poderia formar potenciais trabalhadores ou voluntários para os projetos da ADRA.

- A ADRA tem a experiência de saber quais os trabalhos práticos que são necessários ao nível comunitário. Deve, pois, colaborar com instituições de ensino no desenvolvimento de programas práticos que possam formar muitos jovens para empregos úteis dentro das suas próprias comunidades.

TRÊS RAZÕES PORQUE A ADRA E A IGREJA DEVEM COOPERAR

- A ADRA tem o conhecimento e a experiência de que a Igreja precisa. A ADRA pode e deve estar envolvida na Igreja. Sem a Igreja, a ADRA não tem razão de existir

A ADRA TEM O CONHECIMENTO E A EXPERIÊNCIA DE QUE A IGREJA PRECISA.

ma curricular teológico para instruir os seus pastores (em assuntos sociais).

- A ADRA, nos países desenvolvidos, precisa de colaborar com os programas da obra social Adventista nas instituições de ensino; assim como as delegações locais da ADRA precisam de colaborar com a Igreja, na identificação e no desenvolvimento de programas de serviços sociais mais relevantes, dentro da própria Igreja.

- A ADRA deve tornar-se num catalisador em providenciar formação aos membros de Igreja que se envolvem em trabalho social. Para muitos dos seus programas, a ADRA conta com a participação da comunidade e de voluntários comunitários. Este tipo de formação não só tornaria mais relevantes e eficazes as “sociedades de Dorcas” locais

como instituição Adventista. Sem a ADRA, a Igreja não cumpre verdadeiramente a sua missão.

- A Igreja tem facultado à ADRA alguns dos seus recursos (como infraestruturas ou oportunidades de angariação de fundos). A ADRA tem hoje o peso que tem devido à Igreja. É justo que, agora, a ADRA apoie a Igreja na construção dos seus “ministérios sociais” locais, que serão relevantes nas atuais necessidades da sociedade.

- A ADRA pode continuar a funcionar como uma “agência” profissional da Igreja na área do desenvolvimento, mas também precisa de assumir a liderança de ajudar a Igreja a desenvolver um ministério social afetuoso, dentro da mesma. ✨

• **Rudi Maier,**
Presidente da ADRA Internacional

Projeto "Florescer Mirandela"

Depois de uma cooperação concertada por parte das igrejas da zona do Grande Porto, da direção da Região Eclesiástica Norte e da UPASD, através do Departamento de Evangelismo na cidade de Mirandela, surgem, pela graça de Deus, os primeiros frutos.



Inserido neste projeto, "Florescer Mirandela", no dia 23 de junho de 2011, realizou-se um rastreio de saúde com os jovens da igreja de Avintes. Uma das pessoas que nos visitaram, a D. Orquídea, ao inscrever-se, manifestou que tinha algumas dúvidas e que gostava que a esclarecessem. Depois de conversarmos um pouco, propusemo-nos a estudar a Bíblia com ela e aceitou alegremente.

Esta senhora já tinha tido algum contacto com a Igreja Adventista em Angola, através de convites de amigas. Com a

descolonização, quebrou-se essa ligação.

Ao regressar a Portugal, fixou residência em Mirandela e empregou-se na Santa Casa da Misericórdia.

Iniciados os estudos, a D. Orquídea bebia avidamente a Palavra de Deus e, pouco tempo depois, pediu para ser mais do que um estudo por semana. Em casa, ela falava ao marido do que ia aprendendo e sentimos a necessidade de o contactar também. Num certo dia, depois do estudo normal, fomos levar a D. Orquídea a casa e pudemos encontrar-nos com o marido e a filha. Uns dias depois, passámos a fazer o estudo com os dois juntos.

O que mais contribuiu para a decisão da sua desvinculação da igreja a que pertenciam foi o estudo das profecias de Daniel.

Um dia, quando estudávamos sobre o batismo, sem qualquer apelo nosso, ela falou em nome dela e do marido dizendo que estavam desejosos de se batizarem. Assim, para glória de Deus e nossa alegria, no sábado, 23 de julho deste ano, a igreja de Mirandela viveu um dos melhores momentos da sua história, ao ver nascer, através das águas batismais, a nossa querida irmã Orquídea Matos e o seu marido, o nosso querido irmão Manuel Alves, como

frutos do projeto "Florescer Mirandela".

Neste mesmo dia, a jovem Flávia Rente, que desde tenra idade acompanha à igreja o seu pai, que é o único crente na



família, demonstrou publicamente a sua entrega a Jesus. Ao seu batismo assistiram a sua mãe, o irmão e outros familiares. O Senhor seja louvado por estas preciosas almas.

O nosso agradecimento aos jovens da igreja de Avintes, que amavelmente se juntaram a nós com um programa que foi muito apreciado, e a todos os que, de outras igrejas, também colaboraram connosco; à Região Eclesiástica Norte e ao Departamento de Evangelismo da UPASD, por apoiarem e tornarem possível este trabalho frutífero.

Acima de tudo, agradecemos ao Senhor pela Sua direção e bênção sobre este trabalho.

Domingos Freixo, Promotor Bíblico

Casal de Cambra

Projeto na Penitenciária da Carregueira

Desde 2006 que a Penitenciária da Carregueira (no concelho de Sintra) tem sido palco de um projeto missionário destinado aos reclusos aí detidos. O projeto foi começado pelo Promotor Bíblico Eurico Vidro, com a participação auxiliar da irmã Celeste Ribeiro, membro do grupo de Casal de Cambra. A partir de 2008, a irmã Celeste assumiu o comando do projeto, que é atualmente patrocinado pelo Departamento de Evangelismo da União Portuguesa. Neste ano de 2012, o Pastor Paulo Lima tem também apoiado o trabalho da irmã Celeste.

O projeto consiste numa reunião semanal com os reclusos que solicitaram a assistência espiritual da Igreja Adventis-

ta do Sétimo dia. Nessa reunião é estudado, cada quarta-feira, um tema bíblico retirado do curso «Fé de Jesus». As presenças semanais oscilam entre 11 a 16 reclusos. Quatro reclusos já terminaram também cursos por correspondência do Instituto Bíblico de Ensino à Distância, tendo recebido os respetivos diplomas. Três dos reclusos já pediram o batismo, que ainda não ocorreu apenas devido à dificuldade de se obter autorização para a realização da cerimónia batismal na prisão ou se obter uma saída da penitenciária apenas para se proceder ao batismo.

Além de trabalhar com os reclusos, a irmã Celeste Ribeiro tem também tido, a pedido dos próprios reclusos, oportu-

nidade de entrar em contacto com as famílias. Alguns reclusos têm ainda sido apoiados pontualmente, quando surge uma necessidade. Assim, por exemplo, a irmã Celeste ofereceu a 12 reclusos um rádio portátil para que eles pudessem sintonizar os programas espirituais da Rádio Clube de Sintra (RCS).

Existe uma excelente relação com os serviços prisionais, sendo o nosso trabalho visto com bons olhos. A pedido da direção da Penitenciária, foi apresentado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia um projeto especial. Trata-se de um plano de cinco dias para deixar de fumar, destinado a todos os reclusos da Carregueira. Aguardamos apenas a autorização para avançarmos com a sua implementação.

Pr. Paulo Lima

Batismos

“Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.” Lucas 15:7

No decorrer de uma cerimónia oficializada pelo Pastor Paulo Neves, grande alegria inundou o coração da comunidade Adventista do Sétimo Dia na ilha de S. Miguel, no passado dia 26 de maio de 2012. Ao aceitar Jesus e ao batizar-se, a

irmã Elfrida Martins testemunhou a sua fé perante irmãos, amigos e familiares, manifestando assim a sua certeza de fazer parte de um só corpo, de um só Espírito e de viver uma só esperança em Cristo. O seu testemunho contagiou nove corações que manifestaram também o desejo de se decidir por Cristo, unindo-se à igreja, através do batismo por imersão.

Rendemos louvor ao Senhor pela entrega da nossa irmã e pela manifestação do Espírito Consolador no coração dos presentes.



Raquel Cabral, diaconisa ao serviço da IASD Ponta Delgada

“Um só Deus, uma só Fé, um só Batismo.” Efésios 4:5

No decorrer da Assembleia Espiritual Regional, realizada na Ilha do Pico – Açores, em setembro de 2011, os irmãos das diversas igrejas e ilhas açorianas tiveram não só a oportunidade de fortalecer os laços e a unidade da fé, como também de se regozijarem com a entrega de mais uma alma a Cristo. Numa cerimónia batismal celebrada pelo Pastor Paulo Neves, a jovem Maria José Goulart, da igreja de

Ponta Delgada, perante a congregação ali presente, demonstrou publicamente a sua decisão de se unir a Cristo. Ao descer às águas “naturais” dos Açores, no dia 10 de setembro de 2011, dispôs-se a iniciar uma nova vida repleta da alegria provinda das promessas bíblicas e da certeza de que “O SENHOR é o nosso rochedo, o nosso lugar forte, o nosso libertador, a nossa fortaleza, o nosso escudo, a força da nossa salvação” (parafraseando o Salmo 18:2) e AQUELE em quem confiamos quando tudo o resto falha!



Nuno Cabral, diácono ao serviço da IASD Ponta Delgada

I Caminhada Solidária a favor da APC (Associação Protetora da Criança)

A Coordenação Regional da ADRA-Norte organizou, no dia 13 de maio, a I Caminhada Solidária, com a participação de 1000 amigos, sendo metade amigos da APC ou visitas das igrejas Adventistas do 7º Dia do Norte.

A antiga atleta do F. C. do Porto, Aurora Cunha, e o repórter da RTP do Programa “Praça da Alegria”, Hélder Reis, foram os padrinhos desta grande iniciativa de solidariedade que ligou a Praia de Miramar a Espinho.

Na cidade de Espinho, centenas de participantes fizeram os rastreios de saúde que estavam a cargo do Projeto AGIR.

Uma iniciativa nobre para uma causa muito solidária.

“... Gostaria de agradecer à Coordenação Regional da ADRA-Norte, à querida atleta Aurora Cunha e ao nosso padrinho Hélder Reis, pela vontade incansável que têm de ajudar a nossa casa, o nosso lar, a nossa querida APC...” – *Fernanda Nito* (APC)

“... É com enorme honra e carinho que a ADRA Portugal, através da Coordenação Regional Norte, organizou esta Caminhada a favor da Associação Protetora da Criança.

Agradecemos a todos os que se unem a esta causa e esperamos que as crianças que são apoiadas por esta Associação possam ser muito beneficiadas com este evento.

Muito obrigado a todos.” – *João Martins*, diretor Executivo, ADRA Portugal

Paulo Gomes/Álvaro Bastos, Coordenação Regional Norte



Jogos Solidários a Favor dos Sem-abrigo e Famílias Carentiadas

“... Aproveito para vos endereçar uma palavra de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido e um voto de esperança no futuro, e que, com ânimo, continuem a apoiar aqueles que mais precisam...” – *Amélia Traça, Vereadora da Ação Social da Câmara Municipal de V. N. de Gaia*

A ADRA do PORTO, com o apoio da ADRA-V. N. Gaia, Vila do Conde, Avintes, Projeto Viva Voz, da ADRA-Norte e da Gaianima, organizaram, no passado dia 10 de junho, Dia de Portugal, uma grande iniciativa na cidade de V. N. Gaia que foram os Jogos Solidários em Futebol.

Quase trezentos atletas, masculinos e femininos, marcaram presença nesta grande iniciativa que contou com muitos jovens adventistas das igrejas do norte e muitos convidados.

A presença do árbitro internacional Paulo Paraty, da equipa da Casa de Pessoal da RTP-Porto, das Velhas Guardas do Boavista F.C. e da equipa feminina do Bo-



avista deu mais cor a esta iniciativa, que teve destaque no canal de televisão *Porto Canal* e no jornal *Audiência*.

O Vereador do Turismo e Desporto da Câmara Municipal de V. N. Gaia, o presi-

dente da Junta de Freguesia de Oliveira do Douro e Santa Marinha, que estiveram presentes, também elogiaram a iniciativa.

Álvaro Bastos, coordenador do projeto “Olhos Solidários”

Descansou no Senhor

ELVAS



No dia 22 de março de 2012, adormeceu no Senhor a nossa querida e saudosa irmã Adília Tenório. Foi sepultada no complexo funerário de

Elvas, na presença de todos os queridos, que testemunharam em vida a fragrância agradável das suas ações. A morte adiou o seu grande sonho de estar viva quando Cristo regressar a este Planeta. No entanto, descansou com a certeza de estar entre os ressurrectos, que verão o Senhor face a face na ocasião da Segunda Vinda. A irmã Adília nasceu

no dia 19 de novembro de 1913, na cidade de Elvas. Na década de 50 emigrou para Moçambique (Beira), com o seu amado esposo Amaro Tenório. Deste relacionamento nasceram duas joias preciosas: Maria Teresa e Mário. É nesta cidade que descobre o seu maior tesouro, Jesus, consagrando a sua nova vida através das águas batismais na igreja da Beira. Durante mais de 50 anos, dedicou tempo a direccionar a sua família para o Seu melhor Amigo. Na década de 70, regressou a Elvas, sendo uma força motriz no estabelecimento pioneiro da Igreja Adventista neste local. Para ela, o Cristianismo não era uma doutrina ou um conceito, mas um estilo de vida coerente

e proativo. Este legado permanecerá na sua família e na sua igreja. A sua partida deixou um vazio profundo no coração de todos os seus queridos, mas a sua esperança em Cristo supera todo o desespero. Era seu grande desejo voltar a abraçar cada um dos queridos, se passasse pelo sono da morte. Como mote da sua vida acreditava que, ainda hoje, aceitar Jesus e o Seu sistema de valores, representa uma vida com propósito, a eternidade e um grande reencontro no futuro.

Até à grande festa da ressurreição. “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11:25).

Dário Santos, pastor de Elvas e Évora

PORTO



Faleceu a nossa irmã Maria Adelina Vieira das Neves e Silva.

Tinha apenas 41 anos e era uma irmã muito estimada pelos irmãos da

igreja do Porto.

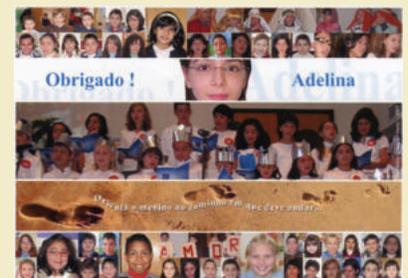
A irmã Adelina, esposa do nosso irmão Celestino Silva e mãe do jovem Tição Samuel, nasceu em 5/10/70 e foi batizada pelo Pastor José Manuel de

Matos, na igreja Adventista de Oliveira do Douro, no dia 28 de abril de 1983.

“E Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.”

Aos familiares desejamos expressar a nossa solidariedade e oramos para que a esperança que a animou seja também a vossa.

Em breve vamos voltar a estar com a Adelina.



Álvaro Bastos, relações Públicas da IASD do Porto

Imitando a Natureza

quarta
parte

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e vamos verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

Aprendendo com a Natureza

Nesta série de artigos, aprendemos como utilizar os ensinamentos da Natureza para inspirar os avanços tecnológicos.

Explicamos como tem havido um ressurgimento sobre este tema e como esta ideia foi batizada num livro publicado em 1997 com o nome de *Biomimética*.¹ "Biomimética" significa, literalmente, **A Ciência da Imitação da Natureza**.

Estamos a utilizar este livro como inspiração para esta série de artigos.

Nos meses passados, vimos como poderíamos "alimentar o mundo sem destruir a Natureza" se, tão-somente, procurássemos imitar a forma como a Natureza

trata das suas pradarias – sem intervenção humana e de forma sustentável.

Vimos também "**Como gerar energia de forma mais limpa e eficiente**", penetrando fronteiras do conhecimento que permanecem por ultrapassar, como, por exemplo, um conhecimento mais completo do processo da fotossíntese.

Nos próximos meses, iremos continuar a abordar exemplos de inovações inspiradas pela Natureza e contrastando as soluções que esta nos dá com as da nossa tecnologia nas seguintes áreas:

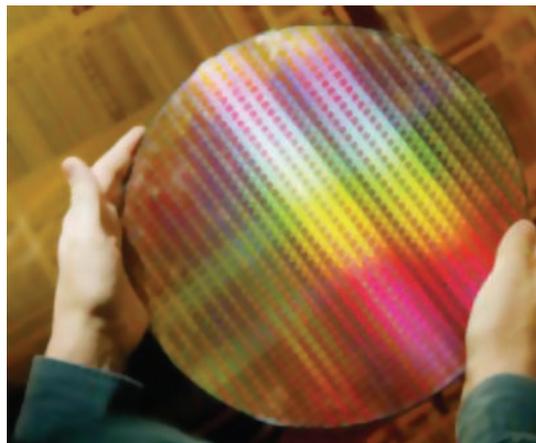
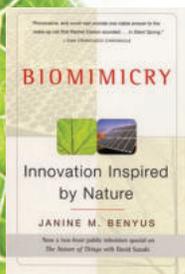
- Como curar doenças de forma mais eficaz.
- Como armazenar conhecimento.
- Como utilizar princípios da Natureza na economia e na gestão.

Mas, este mês, falaremos sobre

"**Como fabricar melhor os materiais e produtos de que necessitamos**" inspirando-nos na Natureza.

As Fábricas dos Homens

Quem já visitou uma fábrica de indústria pesada, como uma siderurgia, ou mesmo uma fábrica





que trabalha materiais mais leves, como a porcelana, terá, certamente, ficado impressionado com as condições extremas que são utilizadas pela nossa tecnologia para transformar ou criar os materiais de que necessitamos.

Mesmo no caso das indústrias consideradas de ponta, como a dos microprocessadores, muitos ignoram que a matéria-prima de base – o silício – para ser transformado nos círculos coloridos que dão origem aos circuitos integrados, necessita de um processo altamente intensivo em energia e em produtos químicos que geram inúmeros subprodutos tóxicos.

O visitante destas unidades industriais repara que elas se encontram tipicamente localizadas fora das cidades, em locais mais isolados, devido ao risco dos processos que utilizam, ao ruído e ao calor que libertam.

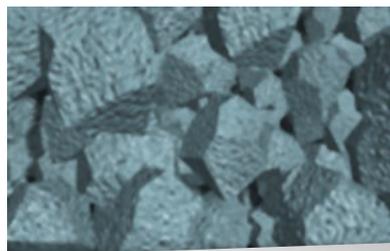
A nossa tecnologia utiliza basicamente calor, pressão, impactos² e uma boa dose de produtos químicos para conseguir moldar ou alterar as propriedades das matérias-primas.

Por exemplo, no caso da **siderurgia**, o minério de ferro é sujeito a várias fases de tratamento, envolvendo temperaturas de mais de 1000 graus Celsius.

Além disso, o aço tem de ser submetido a altas pressões e ciclos de aquecimento e arrefecimento muito intensivos em energia para obter as características desejadas.

Finalmente, os produtos resultantes podem ser chapas, vigas ou

fios de aço de várias espessuras e com características diferentes, de-



pendendo do processo de produção e dos elementos químicos que foram sendo adicionados – por exemplo, para o fabrico de aço inoxidável é necessário acrescentar níquel.

Ao longo do processo, foram

sendo libertados inúmeros resíduos e poluentes que necessitam de ser tomados em conta. Em alguns materiais especiais chega-se a 96% de desperdício para produzir apenas 4% de produto final.

No caso da **porcelana**, antes de os materiais chegarem aos objetos bonitos e úteis que utilizamos no dia-a-dia, como pratos ou jarras, é necessário aplicar também muita energia.

A porcelana resulta do tratamento da matéria-prima em fornos a temperaturas entre 1200 e 1400 graus Celsius.

No caso dos **circuitos integrados** utilizados nos computadores, a matéria-prima é o silício. Uma espécie de granulado deste material (ver fotografia) necessita de ser aquecido até ao seu ponto de fusão de mais de 1400 graus Celsius para ser então trabalhado de forma a ser depois misturado com outros materiais e criar os chamados *wafers* de material semiconductor.



Mais uma vez, altas temperaturas e produtos químicos são necessários neste processo.

Os produtos finais de todos estes processos são, com certeza, úteis e admiráveis. Mas a que custo são obtidos, em termos de energia, desperdício e danos para a Natureza? Haverá uma forma melhor?

Serão os nossos métodos de produção sustentáveis?

Apenas para dar um exemplo, 71% das emissões tóxicas da indústria nos Estados Unidos são da responsabilidade da produção de apenas quatro tipos de materiais: papel, aço, alumínio e plástico.³

As Fábricas de Deus

Comparemos agora os processos de produção do aço, da porcelana e dos semicondutores que acabamos de considerar, com a forma como a Natureza produz materiais mais resistentes do que o aço, tão ou mais bonitos do que a melhor porcelana

e como ela manipula o silício, de forma mais exímia do que o laboratório mais avançado.

Notem que a Natureza não se pode dar ao luxo de colocar as suas “unidades industriais” nos subúrbios, como nós fazemos, uma vez que os processos da vida têm de se desenrolar no mesmo local em que se encontra o organismo vivente.

Ao contrário da nossa tecnologia, a Natureza produz os seus materiais à temperatura ambiente, muitas vezes dentro de água e sem utilizar altas pressões ou elementos químicos poluentes.

O processo de fabrico da Natureza pode ser descrito, em geral, como uma forma de acrescentar informação às matérias-primas, sem necessitar de desperdiçar energia com altas temperaturas ou criando subprodutos tóxicos.

Ela utiliza processos de auto-montagem,⁴ fabricando, sem ajuda externa, as estruturas de que

necessita. Ela faz isso com um aproveitamento de 100% do que existe à sua volta.

Para provar o meu argumento de que temos muito a aprender com a Natureza, façamos a comparação que sugiro mais atrás.

O Aço da Natureza

Segundo um artigo recente,⁵ existem fios de teia de aranha que, para o mesmo peso que um fio de aço, são bem mais resistentes.

Em particular, foi descoberto em 2008 que os fios de seda produzidos por uma pequena aranha, com apenas 3cm, da espécie *Darwin bark*, que habita nas florestas de Madagáscar, são cerca de duas vezes mais resistentes do que a seda mais resistente até então conhecida, que já era mais resistente do que o aço.

As teias desta aranha chegam a alcançar mais de 10 metros de comprimento e podem ser cons-



truídas por cima de rios, atravessando de uma margem à outra.⁶ Pensa-se que até pequenos pássaros e morcegos possam ser presas destas super teias de aranha.

Para fabricar estes fios de seda, a aranha recorre às tecnologias da Natureza que envergonham o que conseguimos fazer com o aço.

A Porcelana da Natureza

A madrepérola pode ser considerada uma equivalente da porcelana na Natureza.

Este material é uma substância calcária,⁷ muito dura e extremamente bonita devido às cores e matizes, quando é observada de ângulos diferentes.

A madrepérola pode ser encontrada numa grande variedade de moluscos, sendo famosas as pérolas fabricadas num material semelhante e também admirável.

O que é interessante notar, no contexto deste artigo, é que a Natureza, para fabricar as pérolas ou a madrepérola, em vez de utilizar altas temperaturas e processos que desperdiçam energia e geram detritos poluentes, utiliza um processo totalmente ecológico.

Nos seus processos, as proteínas são distribuídas na superfície do animal e, por processos que



ainda não entendemos completamente, são transformadas no material desejado, integrando de forma perfeita, por exemplo, a própria concha do animal.

Os Chips da Natureza

O terceiro exemplo de que falamos foi o dos circuitos eletrónicos, feitos com semicondutores. Acontece que, tal como o homem, a Natureza também manipula a matéria-prima desses *chips* – o silício.

Recentemente, foi estudada uma espécie de esponjas marinhas, que, no seu próprio ambiente marinho natural, conseguem fabricar estruturas de dióxido de silício utilizando uma proteína.

Os cientistas sintetizaram essa mesma proteína e demonstraram que ela poderá ser utilizada para fabricar estruturas semelhantes às dos *chips*, mas sem recorrer a altas temperaturas nem a elementos químicos tóxicos.

Caso o leitor suspeite de que estes são exemplos isolados, escolhidos de forma minuciosa como casos extremos, posso assegurar que esse não é o caso. Realmente, a forma de atuar da Natureza é muito diferente do que podemos fazer com a nossa tecnologia atual.

Conclusão

Tal como a Bíblia nos assegura de que os **pensamentos de Deus**

não são os nossos pensamentos, nem os caminhos de Deus os nossos caminhos (Isaías 55:8), também a tecnologia da Natureza se encontra num plano de sofisticação completamente diferente da tecnologia que utilizamos nas nossas fábricas.

Devemos meditar na forma maravilhosa como a Natureza funciona, e tirar disso as conclusões e os ensinamentos adequados para aumentar a nossa admiração e louvor pelo Criador que “em seis dias fez [...] os céus e a terra, o mar e tudo que neles há [...]” (Êxodo 20:11). ♣

• **Miguel Mateus**

Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrónica;
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business
and Administration

1. Adaptado de Benyus, Janine, *Biomimicry*, Harper, 1997, em Português: *Biomimetismo*.
2. Em Inglês, utiliza-se a expressão “heat, beat and treat” para designar estes processos industriais.
3. Benyus, J., *op. cit.*, p. 95.
4. Tradução direta e literal do termo inglês *self-assembly*.
5. “Nature vs Steel Industry, Or: What Spiderman Knew That We Didn’t”, em Português: “A Natureza versus a indústria do aço, ou: o que o homem-aranha sabia que nós ainda não descobrimos” – Artigo publicado na revista *MetalMiner*, de 18 de outubro de 2011 e disponível em <http://ag-metalmminer.com/2011/10/18/nature-vs-steel-industry-or-what-spiderman-knew-that-we-didnt/>.
6. “Bioprospecting Finds the Toughest Biological Material: Extraordinary Silk from a Giant Riverine Orb Spider”, disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2939878/?tool=pmcentrez>.
7. Wikipedia.org.

Passado, Presente e Futuro

O que celebramos sempre que participamos na Ceia do Senhor

Tendo crescido numa cidade pequena e humilde, numa ilha das Filipinas, onde o sumo de uva era um luxo, eu esperava ansiosamente pela celebração anual da Ceia do Senhor na nossa igreja. Beber o sumo de uva naquele copo de plástico minúsculo aumentava a minha sede, desejando mais essa cerimónia! Comer um pedacinho do pão sem fermento, que nunca tinha provado em casa, também aumentava a minha vontade!

Obviamente, a Ceia do Senhor não é realizada para satisfazer a vontade de beber o sumo de uva, tão raro. Há algo mais além dos símbolos. À medida que fui crescendo e estudando a Bíblia com mais seriedade, aprendi que o significado da Ceia do Senhor representa três dimensões: o seu significado no passado, o seu propósito no presente e a sua importância para o futuro.

O Passado

Há dois eventos importantes daquela primeira Ceia do Senhor a ser lembrados: O primeiro é a celebração da Páscoa judaica. Jesus introduziu a Santa Ceia para os

Seus discípulos na noite da festa da Páscoa, indicando que essa cerimónia substituiria aquela importante instituição judaica. Jesus deu novo sentido às palavras de Moisés quando mudou a frase “o sangue da aliança” (Êxo. 24:8) para “Meu [de Jesus] sangue da nova aliança” (Mat. 26:28; Luc. 22:20), vertido em favor de muitos para o perdão dos pecados. Com efeito, Jesus afirmava assim que Ele é o verdadeiro cordeiro pascal.

O segundo evento é a lembrança da Ceia do Senhor. Jesus instruiu os Seus discípulos a comemorarem esse novo evento no aposento alto, dizendo: “Isto é o Meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de Mim” (Luc. 22:19). A partir do memorial da libertação dos israelitas da escravidão do Egito, que era a celebração da Páscoa, Jesus ordenava agora, através da celebração da Santa Ceia, que os Seus discípulos lembrassem a salvação concedida pela Sua própria morte. A ordem de lembrança também é extensiva aos seguidores de Cristo hoje. Essa recordação do passado transporta-nos à realidade do presente.

O Presente

Dois conceitos importantes na Ceia do Senhor são significativos para o presente. Ela enfatiza o significado da comunhão com Jesus e da nossa comunhão uns com os outros, como crentes. Paulo declara: “Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão” (I Co. 10:16 e 17).





E, embora não tenham sido ditas durante a Última Ceia, as palavras a seguir, proferidas por Jesus, evidenciam um conceito teológico muito importante da comunhão: “Quem comer a Minha carne e beber o Meu sangue permanece em Mim, e Eu, nele” (João 6:56). Assim, o verdadeiro objetivo de comer e beber na Ceia do Senhor não é satisfazer a necessidade física de alguém. A cerimônia da Comunhão é para lembrar a nossa profunda necessidade de Cristo e uns dos outros. Dependemos de Cristo para as nossas necessidades espirituais, do mesmo modo que dependemos uns dos outros para as nossas necessidades sociais.

Já alguma vez se perguntou por que razão o simbolismo de “comer” foi usado na comemoração de uma cerimônia tão importante? Nos tempos bíblicos, “partilhar uma refeição” era muito significativo. Ao contrário dos tempos modernos, que promovem a prática do *fast-food* e do “comer sozinho”, a refeição na antiguidade, geralmente, era em grupo e tomava mais tempo. Fazer as pazes com o inimigo, fazer um contrato com alguém e demonstrar perdão ao ofensor eram, por norma, marcados por uma refeição (Gén. 31:44-46; 26:28-31; Luc. 15:23). As diversas implicações de uma refeição dos tempos antigos também deveriam ser manifestadas entre os Cristãos de hoje, sempre que participassem da Ceia do Senhor. É isso que faz com que a Santa Ceia seja significativa no presente.

O Futuro

A importância passada e presente da Ceia do Senhor conduz a nossa mente ao futuro. No Evangelho de Mateus, Jesus concluiu a Última Ceia com os Seus discípulos com as seguintes palavras: “...

“**A** Ceia do Senhor é a participação nos emblemas do corpo e do sangue de Jesus como expressão de fé n’Ele, nosso Senhor e Salvador. Nesta experiência de comunhão, Cristo está presente para Se encontrar com o Seu povo e o fortalecer. Participando da Ceia, proclamamos alegremente a morte do Senhor até que Ele volte. A preparação envolve o exame de consciência, o arrependimento e a confissão. O Mestre instituiu a cerimônia do lava-pés para representar a renovada purificação, para expressar a disposição de servir um ao outro em humildade semelhante à de Cristo e para unir o nosso coração em amor. O serviço da comunhão é franqueado a todos os crentes cristãos.” (I Cor. 10:16, 17; 11:23-30; Mat. 26:17-30; Apoc. 3:20; João 6:48-63; 13:1-17.) – *Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia*, nº 16.

não beberei deste fruto da videira, até àquele dia em que o hei de beber, de novo, convosco no reino de Meu Pai” (Mat. 26:29). Com efeito, essas palavras poderiam ser vistas como um voto de abstinência para fortalecer a certeza da Sua segunda refeição com os Seus discípulos e conosco, no futuro.

Mas, embora Jesus Se abstenha, nós temos um papel ativo a desempenhar. Enquanto esperamos pela futura refeição com Jesus, somos convidados a participar da Ceia do Senhor no presente. As palavras de Paulo aos Coríntios enfatizam as implicações da ordenança da mesa do Senhor para o futuro. Ele escreve: “Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (I Cor. 11:26). A participação na Ceia do Senhor é parte da proclamação do evangelho, e pregamos esse evangelho almejando o futuro. Além do mais, esses textos revelam as promessas de Deus: a realidade do Seu reino e a certeza da Sua

Segunda Vinda. A Ceia do Senhor “faz uma ligação importante entre o primeiro e o segundo advento”.¹ Ao mesmo tempo, ela “lembra-nos da alegria da comunhão pessoal com Cristo que nos espera quando o reino de Deus for totalmente estabelecido”.²

A Santa Ceia aponta para a morte expiatória de Jesus e inspira-nos a participar dela proclamando e vivendo o evangelho. Essa cerimônia também nos incentiva a desejarmos o futuro, quando finalmente poderemos ter comunhão pessoal com Cristo e “participar de uma refeição” com Ele por toda a eternidade. ✦

• **Ferdinando O. Regalado**

Doutor em Teologia e
Professor de Antigo Testamento
na Universidade de
Montemorelos, México

1. Francis D. Nichol, ed., *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1956, v. 5, p. 523.

2. Richard Rice, *Reign of God: An Introduction to Christian Theology From a Seventh-day Adventist Perspective*, second ed., Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1997, p. 382.

Perdoar

Aqueles Que Nos Ofendem

É um dos desafios mais difíceis que enfrentamos. Mas o que envolve realmente o perdão? E será que nos devemos preocupar com isso?

Estava uma linda tarde. Mark Brewster, de 20 anos, e Debbie Cuevas, de 16 anos, estavam sentados no carro de Mark (*Thunderbird '78*) num lugar solitário ao rio, em Madisonville, no Louisiana, desfrutando dos seus batidos. Já namoravam há oito meses e estavam distraídos numa calma conversa, quando dois homens se aproximaram do carro e apontaram uma arma à sua cabeça. Um dos homens entrou pelo lado de Mark e sentou-se atrás do volante, empurrando-o para o lugar do meio, no banco da frente. O outro homem sentou-se no banco traseiro, colocou o seu braço à volta do pescoço de Debbie e encostou uma arma de cano serrado contra o queixo dela.

Robert Willie, o homem que liderava, disse: “Somos fugitivos da prisão *Angola* (no Louisiana). Já matámos antes e mataremos outra vez. Façam o que vos dissermos e tudo correrá bem.” Depois de conduzirem alguns quilómetros, enfiaram Mark na mala do carro enquanto Robert Willie violava Debbie no banco traseiro. Eles conduziram para um lugar deserto e tira-

ram Mark da mala do carro. Debbie ouviu um tiro e os homens regressaram sem ele.

Eles conduziram durante a sexta-feira à noite e todo o dia de sábado, atravessando vários Estados, até voltarem para trás. No percurso, Robert Willie violou Debbie outra vez, e o outro homem, Joe Vaccaro, também a violou. O par deu boleia a um terceiro homem, que os convenceu, finalmente, a deixarem Debbie partir em liberdade.

Robert e Joe foram capturados e condenados – Joe, a prisão perpétua e Robert à pena de morte. Debbie foi chamada para testemunhar nos vários julgamentos.

A condenação dos homens deu a Debbie um sentimento de encarceramento do caso, mas a sua maior luta estava apenas a começar. Ela começou a ter pesadelos terríveis e acordava frequentemente a gritar e com suores frios. Ela sabia que devia perdoar Robert Willie, mas como poderia fazê-lo? Ele não estava nada arrependido e tinha feito troça dela descaradamente no julgamento. Quando os advogados lhe pediram para descrever detalhadamente a

cena da violação, Willie enviava beijos e sorria todo o tempo, até ter deixado o juiz tão furioso que ameaçou colar-lhe a boca com fita adesiva se ele não se calasse.

Como é que se pode perdoar alguém assim?

Luta para Perdoar

Todos nós lutamos com questões sobre o perdão. Existem duas vertentes no perdão: a relacional e a legal. Relacionalmente, perdoar é abandonar quaisquer ressentimentos que temos em relação à outra pessoa. É libertarmo-nos da nossa fúria, da nossa raiva, da nossa amargura. É tratarmos a outra pessoa como se não nos tivesse feito mal. Por isso é que o perdão é tão difícil. Fomos enganados. Fomos magoados. Foi praticada uma injustiça.

Será o perdão sempre incondicional? É suposto eu perdoar sempre a outra pessoa? E o que acontece com a minha salvação, se eu quiser perdoar, mas não for capaz?

Existem textos bíblicos que sugerem que alguns tipos de perdão são condicionais. “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo

para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça” (I João 1:9). Na oração do Pai Nosso, dizemos a Deus: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mat. 6:12).

Parece que Deus está a dizer que o Seu perdão está condicionado pelo facto de nós confessarmos os nossos pecados, e perdoarmos a qualquer pessoa que tenha pecado contra nós. Se este é o caso, então duvido que alguém possa ser salvo. Como é que uma pessoa não convertida pode ter a força de deixar de lado todos os ressentimentos e amarguras, como condição para a salvação?

A seguinte passagem apresenta uma perspetiva diferente: “Suportando-vos uns aos outros, e perdando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós, também. E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição” (Col. 3:13 e 14).

Repare que devemos perdoar quaisquer ressentimentos que possamos ter uns contra os outros. Não são estabelecidos limites, não são apresentadas condições. Devemos perdoar do mesmo modo que Deus perdoa. Se Deus só perdoa quando confessamos os nossos erros, então não temos de perdoar a não ser que a pessoa que nos magoou nos peça perdão. Será isto perdoar como Cristo perdoa? O dicionário *online Priberam* (<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx>) define o perdão como “remissão de culpa, dívida ou pena; absolvição, indulto; benevolência, indulgência; fórmula que exprime um pedido de desculpas”.

Será que Deus guarda ressentimento contra nós se não confessarmos os nossos pecados? Será que Deus tem alguma mágoa contra nós? Não!

Este dilema ocorre porque existem duas partes no perdão. O que temos são dois imperativos morais que se opõem um ao outro. Por um

lado, temos as exigências da responsabilidade, da justiça e da equidade. Por outro lado, temos as exigências da empatia, da compaixão e da misericórdia. Temos medo de que, se oferecermos misericórdia, pareça que concordamos com o que aconteceu. Se nos voltarmos para o lado da justiça e da equidade, parece que somos cruéis, frios e sem sentimentos.

Como Jesus Perdoava

As duas vertentes do perdão são a *relacional* e a *legal*. Devemos sempre perdoar a mágoa relacional, mas a vertente legal pode, ou não, ser perdoada. Por exemplo, é dono de uma loja que facilita o crédito aos clientes. Existem 10 000 pessoas que lhe devem dinheiro. Não é obrigado, nem mesmo sendo Cristão, a perdoar-lhes todas as dívidas. Até

pode, se quiser, suportar a dívida. Mas não é um imperativo moral. Se alguém roubar o seu carro, o perdão do roubo não significa que o ladrão pode ficar com o carro.

Jesus mostrou-nos o que significa perdoar relacionalmente. Ele foi preso injustamente. Foi condenado à morte num julgamento ilegal. Foi torturado por soldados romanos comandados por Pilatos. Os Seus amigos mais chegados abandonaram-n'O. Ele ficou sozinho.

Pilatos condenou-O a uma das mortes mais cruéis alguma vez planeadas pelos seres humanos: lenta asfixia por ser pregado a uma cruz pelas Suas mãos, para que não pudesse respirar facilmente. Encontramo-l'O numa sexta-feira à tarde, suportando esta terrível agonia. Ao Seu redor, os Seus próprios líderes religiosos escarnecem d'Ele, dizem-

do-Lhe que prove ser o Messias descendo da cruz.

Queria perdoar nessas circunstâncias? Jesus profere estas palavras maravilhosas: “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem” (Luc. 23:34).

Estava Jesus a pedir a Deus que livrasse aquelas pessoas do castigo? Estava Ele a concordar com o modo como eles O trataram? Estava Ele a dizer que eles eram inocentes? Não! Jesus estava a dizer: “Não guardo ressentimento contra nenhum de entre vós pelo que Me estão a fazer hoje. Eu não sou rancoroso. Eu não procuro vingança.”

Podíamos desculpar Jesus se Ele Se sentisse irado e rancoroso. Qualquer pessoa que sofra uma injustiça deve manifestar sentimentos de mágoa. Mas o que devemos fazer com esses sentimentos? Se deixar-

Quantos casacos de pele deve um marido oferecer à sua esposa para demonstrar arrependimento pelo adultério?

mos que aquilo que a outra pessoa nos fez determine como nos sentimos, quais serão as nossas emoções? Nem uma só pessoa se tornou feliz devido às emoções de ressentimento e rancor. Esta é a mensagem que Jesus está a transmitir na cruz.

Perdão Legal

Mas existe a outra vertente do perdão: o perdão legal. As dívidas ainda têm que ser pagas. Aqueles que ajudaram a matar Jesus eram culpados de assassinato, e existe uma penalidade para este crime. Mas até no campo legal a penalidade pode ser reduzida por causa do que Jesus fez por nós na cruz.

Deus perdoou-nos legalmente na cruz: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus. Sendo justificados gratuitamente, pela Sua graça, pela redenção que há

em Cristo Jesus” (Rom. 3:23 e 24). A palavra “justificados” era uma palavra legal utilizada nos tribunais do Império Romano quando uma pessoa era declarada inocente. A morte de Jesus tornou-se na morte substituta daquela que merecemos. “Porque o amor de Cristo nos constrange, julgando nós assim: que, se Um morreu por todos, logo todos morreram” (II Cor. 5:14).

Então, o que é que isto tem a ver com a oração do Pai Nosso e com a confissão dos pecados antes de Deus nos perdoar? Deus perdoou todo o mundo na cruz. Mas temos que aceitar esse perdão, porque Deus só deseja pessoas no Seu Reino que estejam dispostas a perdoar como Ele perdoou.

O Perdão é Custoso

Recusar perdoar não é um crime de tal magnitude que não possa ser perdoado; Deus também perdoa os inclementes. O problema é que, enquanto formos inclementes, recusamos voltar a estabelecer o relacionamento com Deus e somos incapazes de receber a Sua aceitação.

Lembre-se de que o arrependimento não é a causa do perdão de Deus. Jesus perdoou aos soldados quando eles ainda não se tinham arrependido. Ele perdoou-os relacionadamente, embora legalmente não estivessem perdoados até terem aceite o que Deus tinha feito por eles na cruz.

O perdão é extremamente custoso. Significa ter que comportar-se com a outra pessoa como se o problema nunca tivesse existido. O perdão de Deus é-nos oferecido para que, não importando qual seja o nosso pecado, sejamos sempre livres de voltarmos a relacionar-nos com Ele. Mas, como é que podemos estar neste relacionamento com Deus se o nosso coração está cheio de um desejo de vingança contra aqueles a quem Deus também perdoou? “Se alguém diz: Eu amo a Deus, e abor-

rece o seu irmão, é mentiroso. Pois, quem não ama o seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (I João 4:20).

O perdão é um ato divino. De que outra forma é que me posso libertar da mágoa, da raiva, do ressentimento e da dor que recebi? Não há dinheiro que consiga expiar – quantos casacos de pele deve um marido oferecer à sua esposa para demonstrar arrependimento pelo adultério? Não existe nenhum pagamento que possa ser ligado a uma dívida relacional.



Desistir de Ser uma Vítima

O perdão é uma escolha. Se eu recusar perdoar, então estou sob o poder de outra pessoa. Estou a permitir que essa pessoa decida como é que me sentirei. Mas, com o perdão, eu estou sentado no lugar do condutor. Já não preciso de ser mantido em cativeiro por ninguém.

Mas o que acontece se eu quiser perdoar, mas não for capaz? O perdão é um processo. Requer tempo. Deus não nos julga sobre quão bem temos perdoado, mas sobre se queremos perdoar. Ele aceita o desejo como se fosse a ação. O perdão liberta-nos para nos restaurarmos física e espiritualmente.

Debbie Cuevas contou a sua história sobre a experiência com Robert Willie num livro intitulado *Forgiving the Dead Man Walking* (*Perdoando o Condenado à Morte*),

no qual ela descreve a sua luta com o perdoar. Ela descobriu que muita da sua raiva recalcada e ressentimento tinham sido dirigidos para Deus. Onde é que estava Deus quando ela foi violada? Onde é que estava Deus quando o seu namorado Mark foi assassinado?

Debbie voltou a frequentar a igreja. Ela abriu o seu coração ao evangelho da graça, como Deus nos perdoa quando não o merecemos. Ela cita o livro de Lewis Smedes, *Forgive and Forget* (*Perdoar e Esquecer*): “Se nós dizemos que os monstros estão fora do alcance do perdão, damos-lhes um poder que eles nunca deveriam ter. Os monstros que são maus de mais para serem perdoados estrangulam as suas vítimas; eles podem sentenciar as suas vítimas a uma vida inteira de dor não curada. Se são monstros imperdoáveis, é-lhes dado poder para manterem a sua maldade viva no coração daqueles que mais sofreram” (p. 248).

Então Debbie escreve: “Eu não conseguia começar a articulá-lo naquele momento, mas eu compreendi essa verdade mesmo antes de Robert Willie ter sido executado. Eu sabia que tinha que o perdoar – não para seu bem, mas para meu. Até o ter feito, não havia escape para o poder que o seu mal tinha sobre a minha vida. ... A recusa em perdoá-lo sempre significou que eu me agarrava a toda a minha dor, à minha vergonha, à minha comisseração, a tudo o que estava relacionado com Robert Willie. Foi disto que desisti quando o perdoei. E a verdadeira cura só poderia começar depois de eu o ter feito. Fui eu que ganhei.”

Com a ajuda de Deus podemos perdoar e ser curados da nossa dor emocional. ✎

• **J. David Newman**
Pastor em Burtonsville,
Maryland, EUA

Prazer em aprender

Johann Sebastian Bach foi um famoso músico alemão. Quando tinha dez anos, gostava tanto das músicas que o irmão tocava na igreja que pediu para ele lhas ensinar. O irmão não ensinou nem lhe emprestou as partituras.

Então, o pequeno Johann Sebastian foi várias noites à igreja. À janela, só com a luz da lua e das estrelas, copiou as partituras que estavam fechadas num armário.

Estava tão feliz e com tanta atenção que conseguiu decorá-las, só de as transcrever!

Foi uma grande surpresa, quando todos o ouviram tocar aqueles belos hinos, sem precisar das partituras nem das cópias.

Aprende-se melhor quando se fazem as coisas com amor e atenção.



Olá, Amiguinho!

Aqui tens sugestões para a tua agenda. Completa-a com as tuas ideias.

Agenda ago 2012

domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
29	30	31	1 Memoriza II Coríntios 5:17	2 Salmo 23	3 Gedeão (Juízes 6-8)	4 Génesis 2:1-3 <i>Agradece a Deus pelo Seu cuidado e amor.</i>
Lucas 15:11-16	Lucas 15:17-19	Lucas 15:20-24 <i>Ora pelos teus pais.</i>	Lucas 15:25-32	Gálatas 3:26-28 <i>Ora pela tua família.</i>	Jefté (Juízes 11:1-12:7)	Salmo 1 <i>Dá uma oferta especial para a Missão Global, no culto.</i>
5	6	7	8	9	10	11
II Timóteo 2:15 DIA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE	Colossenses 1:12-19	Mateus 24:23-27	Êxodo 20:12	Mateus 7:24-27 <i>Limpa e arruma o teu quarto.</i>	Sansão (Juízes 13-16)	Apocalipse 14:6 e 7 <i>Chega cedo à igreja.</i>
12	13	14	15	16	17	18
Romanos 12:1 e 2	Memoriza Apocalipse 14:8.	Colossenses 3:11-15 <i>Ora pelos teus amigos.</i>	Memoriza Apocalipse 14:9-11.	João 8:32	Rute (Rute 1-4) <i>Revê a lição da Escola Sabatina.</i>	Memoriza Apocalipse 14:12.
19	20	21	22	23	24	25
I Coríntios 15:51-57	Lucas 21:1-4	Lucas 21:5-7	Lucas 21:8-12	Lucas 21:13-18 <i>Faz uma lista do que queres agradecer a Deus, neste mês.</i>	Ana (I Samuel 1:1, 2, 21) DIA INTERNACIONAL DA SOLIDARIEDADE	
26	27	28	29	30	31	1

Vamos ler, todas as semanas, a história de um personagem da Bíblia que conhecemos ou de que ainda não tenhamos ouvido falar. Podes pedir ajuda aos teus pais ou aos teus irmãos mais velhos, para lerem este texto contigo e aprenderem mais sobre estas pessoas. Boa leitura!

Agenda disponível para download em: http://familia.adventistas.org.pt/mcrianca/recur_open.php

NOVOS RESPONSÁVEIS



PRESIDENTE // PASTOR ANTÓNIO RODRIGUES

Nasceu em Coimbra, no dia 13 de junho de 1965. Terminou o curso de Teologia em 1989, na Faculdade Adventista de Teologia, em Collonges, França. Foi pastor das Igrejas da Guarda, Portimão, Lagoa, Albufeira, Sintra, Cascais e Central de Lisboa, esta desde 2003. É pastor há 22 anos. É casado com Manuela Rodrigues e o casal tem duas filhas.



SECRETÁRIO // PASTOR ARTUR MACHADO

Terminou o curso de Teologia em 1993, na Faculdade Adventista de Teologia, em Collonges, França. Pastoreou as igrejas de Leiria, S. Jorge, Vieira de Leiria e Porto. Em 2002 acumulou as funções de Departamental de Comunicação com o pastoreado da igreja de Lisboa-Alvalade. Em 2007 foi renomeado para o Departamento de Comunicação e Liberdade Religiosa. É casado com Leonor Lopes e tem a seu cargo dois sobrinhos, que adotou.



TESOUREIRO // IRMÃO RUI DIAS

Gestor de empresas. Após alguns anos a viver no Porto, cidade de origem da sua esposa, regressou a Lisboa em 2009, para assumir a função de Tesoureiro. O casal tem dois filhos. Frequenta a IASD de Lisboa-Central e é Tesoureiro desde o ano de 2009.

> ÁREA DE EVANGELISMO, ESCOLA SABATINA E MINISTÉRIO PESSOAL

Pastor Júlio Carlos Santos



Foi pastor das igrejas de São Mateus, CAOD, Vila Nova de Gaia, Espinho, Santa Maria da Feira, Oliveira do Douro. É diretor da área de Evangelismo, Escola Sabatina e Ministério Pessoal desde 2007. É casado e tem dois filhos.

> ÁREA DA FAMÍLIA E DEPARTAMENTO DA FAMÍLIA

Pastora Maria da Luz Cordeiro



Foi pastora das igrejas de Almeirim, Santarém, S. João da Ribeira, Setúbal, Pinhal Novo, Espinho e Santa Maria da Feira. É casada e tem um filho.

> ÁREA PASTORAL, SECRETÁRIO MINISTERIAL E CAPELANIAS

Pastor Enoque Nunes



Foi pastor das Igrejas de Leiria, Pombal, Vieira de Leiria, Vila do Conde, Viana do Castelo, Diretor do Campo Missionário da Região Autónoma dos Açores (Angra do Heroísmo, Praia da Vitória); Diretor da Região Eclesiástica do Algarve e Alentejo [Quarteira, Albufeira, Faro, Tavira, Vila Real St. António]; Diretor da Região Eclesiástica Centro (Coimbra, Touregas, Serpins). É casado e tem dois filhos.

> DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

Pastor Jorge Duarte



Foi responsável pelo Serviço de Música e Liturgia da UPASD. Pastoreou as igrejas de S. Mateus, Guimarães, Lomba de S. Pedro, Ponta Delgada, Cascais, Amadora, Baixa da Banheira, Barreiro e Vila Chã. Colaborou ainda com a Rádio Clube de Sintra. É casado e tem dois filhos.

> DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Dr. Tiago Alves



É Professor e Diretor do Colégio Adventista de Oliveira do Douro desde 2002. É membro da IASD de Oliveira do Douro. Casado, tem duas filhas.

> DEPARTAMENTO DE JOVENS

Pastor Pedro Esteves



Pastoreou as igrejas de Angra do Heroísmo, Praia da Vitória, Chaves e Vila Real. Colaborou ativamente na Coordenação Regional Norte do Departamento de Jovens no último quinquénio. É casado e tem dois filhos.

> DEPARTAMENTO DE LIBERDADE RELIGIOSA E ASSUNTOS PÚBLICOS

Dr. Paulo Sérgio Macedo



Redator da Casa Publicadora desde 2002 e Chefe de Redação da Publicadora SerVir desde 2008. Em 2006, foi nomeado Adjunto do Presidente para a Liberdade Religiosa, e, em 2007, Diretor-Associado do Departamento de Comunicação e Liberdade Religiosa. É membro da IASD de Setúbal, casado e tem uma filha.

> DEPARTAMENTO DE MORDOMIA

Pastor Daniel Vicente



Foi tesoureiro da UPASD de 2002-2009. Pastoreou as igrejas de Comenda, Ponte de Sôr, Portalegre, Ribeira de Nisa, Setúbal, Caniço, Funchal, Porto Santo, Figueira da Foz, Santana, Benavente e Salvaterra de Magos. Desde 2007, acumulou a Tesouraria da UPASD com o Departamento de Mordomia e, depois, as igrejas com o Departamento de Mordomia. É casado e tem uma filha.

> DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES

Irmão Artur Guimarães



Colportor desde 1975. Departamental de Publicações desde 2007. É membro da IASD de Pedrouços, casado e tem dois filhos.

> DEPARTAMENTO DE SAÚDE E TEMPERANÇA

Pastor Daniel Bastos



Pastoreou as igrejas de CAOD, Santarém, S. João da Ribeira, Lomba de S. Pedro, Ponta Delgada, Brandoa, Queluz, Torres Vedras, Sintra e Sertã. Em 2002, fez formação na área da saúde e passou a dar colaboração no Departamento de Saúde e Temperança. É casado e tem uma filha.

> DIRETOR DA RE NORTE

Pastor António José Carvalho

Pastor nas Igrejas da Guarda, Fundão, Moura, Almeirim, Leiria, Gândara dos Olivais, São Jorge, Funchal e Caniço. Exerceu funções de Diretor Eclesiástico da Madeira entre 2007 e 2012, acumulando com a Administração do LAPI e do Externato do Funchal. Casado, tem quatro filhos.

> DIRETOR DA RE CENTRO

Pastor José Manuel Lagoa

Pastor estagiário na igreja de Lisboa-Central, Brandoa, Queluz, Leiria, S. Jorge, Braga, Arcos de Valdevez; Diretor da Região Eclesiástica Alentejo e Algarve, igrejas de Faro, Albufeira, Loulé, Quarteira, Portimão. Casado e tem dois filhos.

> DIRETOR DA RE LISBOA E VALE DO TEJO

Pastor Joaquim Nogueira

Foi Precetor do CAOD e pastoreou as igrejas de CAOD, Caldas da Rainha, Rio Maior, Peniche e Cadaval; Vila Nova de Monsarros, Sangalhos, Aveiro; Coimbra, Serpins, Pombal; Alvalade e Torres Vedras. Foi ainda Diretor das Regiões Eclesiásticas do Centro e de Lisboa e Vale do Tejo. É casado e tem três filhos.

> DIRETOR DA RE ALENTEJO E ALGARVE

Pastor Edgar Justino

Pastor estagiário na igreja de Vila Chã, no Barreiro. Pastor na igreja de Sacavém, nas igrejas de Almada, Corroios, Paivas, Quarteira, Albufeira, Lagoa, Portimão, grupo de Lagos e São Teotónio. É casado e tem dois filhos.

> DIRETOR DA RE AÇORES

Pastor Paulo Neves

Foi pastor das igrejas de Pombal, Figueira da Foz, Santana, Vila Nova de Monsarros, Sangalhos, Águeda, Ponta Delgada e Lomba de São Pedro. É Diretor da Região Eclesiástica dos Açores. É casado e tem dois filhos.

> DIRETOR DA RE MADEIRA

Pastor Rui Bastos

Foi pastor nas Igrejas de Portalegre e Ribeira de Nisa entre os anos de 2001 a 2007 e diretor do Departamento de Jovens entre 2007 e 2012. É casado e tem três filhos.

>DIRETOR DO SERVIÇO DE MÚSICA
E LITURGIA

Pastor José Manuel Lagoa

>DIRETOR DO SERVIÇO DO ESPÍRITO DE
PROFECIA

Pastor Joaquim Nogueira

**Responsável pela Associação das Esposas de Ministros
do Culto**

Filomena Nunes

Diretora-Associada para os Ministérios da Mulher

Raquel Almeida (IASD Canelas)

Diretor-Associado para os Ministérios da Criança

Samuel de Abreu (IASD Oliveira do Douro)

**Adjunto do Departamento de Comunicação e Relações
Públicas para o AD7**

Marco Figueiredo (IASD Odivelas)

**Adjunta do Departamento de Jovens para os
Desbravadores**

Sónia Moreira (IASD Oliveira do Douro)

**Adjunto do Departamento de Jovens para o Ministério
Jovem**

Pablo Silva (IASD Coimbra)

Adjunto do Departamento de Saúde e Temperança

Joel Monteiro (IASD Faro)

**Adjunta do Departamento de Liberdade Religiosa e
Assuntos Públicos**

Rute Esteves (IASD Coimbra)

Membros Leigos do Conselho da UPASD

Paulo Magalhães (IASD Braga), Arlete Santos (IASD Aveiro),
Isabel Ruivo (IASD Amadora).

TRANSFERÊNCIAS E COLOCAÇÕES DE PASTORES

REGIÃO ECLESIASTICA NORTE

Diretor da Região: Pr. António Carvalho

Distrito Pastoral do Minho

Igrejas e Grupos: Pr. Albino Vieira

Promotor Bíblico: Ir. Domingos Freixo

Braga

Arcos de Valdevez

Viana do Castelo

Guimarães

Vizela

Distrito Pastoral de Trás-os-Montes

Igrejas e Grupos: *Promotor Bíblico:*

Ir. José Esteves

Vila Real de Trás-os-Montes

Chaves

Mirandela

Distrito Pastoral do Porto

Igrejas e Grupos: Pr. Luís Rosa

Promotor Bíblico: Ir. Fernando Ferreira

Porto

Vila Nova de Gaia

Pedrouços

Ermesinde

Distrito Pastoral: Região do Ave e Ma- tosinhos

Igrejas e Grupos: Pr. Manuel Garrido

Promotor Bíblico: Ir. Moisés Silva

Matosinhos

S. Mateus

Vila do Conde

Distrito Pastoral de Oliveira do Douro

Igrejas e Grupos: Pr. António Carvalho

Promotor Bíblico: Ir. Vítor Alves

Igreja do CAOD

Oliveira do Douro

Alpendurada

Capelania do LAPI Norte

Distrito Pastoral de Espinho

Igrejas e Grupos: Pr. Paulo Renato Garro-
chinho

Espinho

Santa Maria da Feira

Oliveira de Azeméis

Distrito Pastoral de Canelas

Igrejas e Grupos: Pr. Daniel Gouveia

Canelas

Avintes

Pedroso

REGIÃO ECLESIASTICA CENTRO

Diretor da Região: Pr. José Lagoa

Distrito Pastoral da Beira Interior

Igrejas e Grupos: Pr. Luís Ferreira

Guarda

Fundão

Atalaia do Campo

Distrito Pastoral de Castelo Branco

Igrejas e Grupos: Pr^a. Rute Mesquita

Castelo Branco

Sertã

Distrito Pastoral Centro Litoral Norte

Igrejas e Grupos: Pr. Sidónio Lança

Promotor Bíblico: Carlos Aires

Aveiro

Águeda

Sangalhos

Vila Nova de Monsarros

Distrito Pastoral Centro Litoral Oeste

Igrejas e Grupos: Pr. Vítor Pancha

Figueira da Foz

Santana

Pombal

Distrito Pastoral de Coimbra

Igrejas e Grupos: Pr. José Lagoa

Coimbra

Touregas

Penela

Distrito Pastoral de Arganil

Igrejas e Grupos: Pr. António Domingues

Arganil

Oliveira do Hospital

Serpins

Distrito Pastoral de Viseu

Igrejas e Grupos: Pr. João Catarino

Viseu

Carregal do Sal

Sernancelhe

Silgueiros

Distrito Pastoral de Leiria

Igrejas e Grupos: Pr. Ruben Martins
Leiria (Cruz da Areia)
Gândara dos Olivais

Distrito Pastoral de S. Jorge

Igrejas e Grupos: Pr. Manuel Cordeiro
S. Jorge
Alcanena

Distrito Pastoral de Tomar

Igrejas e Grupos: Pr. Rolembergue Cruz
Tomar
Abrantes
Entroncamento

Distrito Pastoral das Caldas da Rainha

Igrejas e Grupos: Pr. Teófilo Lopes
Caldas da Rainha
Peniche
Cadaval

REGIÃO ECLESIASTICA DE LISBOA E VALE DO TEJO

Diretor de Região: Pr. Joaquim Nogueira

Distrito Pastoral de Santarém

Igrejas e Grupos: Pr. Dário Santos
Santarém
S. João da Ribeira
Rio Maior
Aveiras

Almeirim e Capelania do LAPI Sul:

Pr. Carlos Cordeiro

Distrito Pastoral de Salvaterra de Magos

Igrejas e Grupos: Pr. Rogério Fernandes
Vale Queimado
Salvaterra de Magos
Benavente

Distrito Pastoral de Vila Franca de Xira

Igrejas e Grupos: Pr. Jorge Duarte
Promotor Bíblico: Ir. Eurico Vidro
Vila Franca de Xira
Póvoa de Santa Iria
Sacavém

Distrito Pastoral de Odivelas

Igrejas e Grupos: Pr. Ilídio Carvalho
Odivelas
Casal de Cambra
Póvoa de Santo Adrião

Distrito Pastoral de Queluz

Igrejas e Grupos: Pr. Samuel Aires
Promotora Bíblica: Ir^a Vitalina Pereira
Queluz
Brandoa
Cacém

Distrito Pastoral da Amadora

Igrejas e Grupos: Pr. Joaquim Nogueira
Promotor Bíblico: Ir. Vitor Pena
Amadora
Reboleira

Distrito Pastoral de Lisboa-Central

Pr. Enoque Nunes / *Pastores Auxiliares:*
Pr^a. Hortelinda Gal e *Promotora Bíblica:*
Raquel Echevarria

Distrito Pastoral de Lisboa-Alvalade

Igrejas e Grupos: Pr. Jorge Machado
Pastor Auxiliar: Pr^a. Sandra Ferreira
Alvalade
Torres Vedras

Distrito Pastoral de Lisboa-General Roçadas

Pr. Daniel Vicente

Distrito Pastoral de Cascais

Igrejas e Grupos: Pr. Paulo Cordeiro
Cascais
Sintra

Distrito Pastoral da Margem Sul do Tejo

Igrejas e Grupos: Pr. Eduardo Teixeira
Pastores Auxiliares: Pr. Justino Glória;
Pr. Augusto Fernandes
Almada
Corroios
Paivas
Barreiro
Baixa da Banheira
Vila Chã

Distrito Pastoral de Setúbal

Igrejas e Grupos: Pr. Rúben de Abreu
Setúbal
Pinhal Novo
Santo André

REGIÃO ECLESIASTICA DO ALENTEJO E ALGARVE

Diretor de Região: Pr. Edgar Justino

Distrito Pastoral do Alto Alentejo

Igrejas e Grupos: Pr. Luís Paulo Vasconcelos
Ponte de Sôr
Comenda
Atalaia do Gavião
Moinho do Torrão

Distrito Pastoral de Portalegre

Igrejas e Grupos: Pr. Daniel Martins
Pastor Auxiliar: Pr. Isaiás Rodrigues
Portalegre
Ribeira de Nisa
Nisa
Elvas
Arneiro

Distrito Pastoral do Baixo Alentejo

Igrejas e Grupos: Pr. Edgar Justino
Évora
Beja
Moura

Distrito Pastoral do Barlavento Algarvio

Igrejas e Grupos: Pr. Luís Fonseca
Promotora Bíblica: Fátima Nunes
Portimão
Lagos
Lagoa
Albufeira
S. Teotónio

Distrito Pastoral do Sotavento Algarvio

Igrejas e Grupos: Pr. Alessandro Brachmann
Quarteira
Faro
Tavira
Vila Real de Santo António
Penedos – Pastor Mário Cabral

Distrito Pastoral dos Irmãos de Expressão de Leste

Igrejas e Grupos: Pr. Iulian Negru
Loulé
Portimão

REGIÃO ECLESIASTICA DA MADEIRA

Diretor de Região: Pr. Rui Bastos

Distrito Pastoral do Funchal e Porto Santo

Igrejas e Grupos: Pr. Rui Bastos
Promotoras Bíblicas: Ana Jesus
e Elda Freitas
Funchal
Caniço
Machico
Porto Santo

REGIÃO ECLESIASTICA DOS AÇORES

Diretor de Região: Pr. Paulo Neves

Distrito Pastoral dos Açores Oriental

Igrejas e Grupos: Pr. Paulo Neves
Ponta Delgada
Lomba de S. Pedro

Distrito Pastoral dos Açores Central

Igrejas e Grupos: Pr. Elias de Godoy
Angra do Heroísmo
Praia da Vitória

Distrito Pastoral do Pico e Faial

Igrejas e Grupos: Pr. Pedro Glória
Lajes do Pico
Cais do Pico
Fetais da Piedade
Horta

A Maravilhosa Família de Deus

Proponho um enigma muito fácil: Se duas pessoas têm o mesmo pai, que relação existe entre elas? Não temos que pensar muito. Os que têm o mesmo pai são irmãos e irmãs.

Deus é Pai de Todos

A Bíblia descreve, vez após vez, Deus como nosso Pai. Jesus disse: “Pai nosso, que estás nos céus” (Mat. 6:9). Naturalmente, cada um de nós tem um pai. Mas, como Criador e Mantenedor de todos, Deus é “um só Deus e Pai de todos, O Qual é sobre todos, e por todos, e em todos” (Efé. 4:6).

Então, se todos os seres humanos, independentemente da cor da sua pele, das suas roupas, das suas línguas diferentes, têm Deus como Pai, o que somos entre nós? Obviamente, irmãos e irmãs. Um africano que usa um *dashiki* é meu irmão. Uma japonesa vestida de *kimono* e com as sandálias *geta* é minha irmã. Um *inuit* que vive num iglu, no Nor-

te do Canadá, também faz parte da minha família.

Tenho milhões de irmãos! E mesmo que não nos conheçamos todos, o nosso Pai celestial conhece-nos a cada um pelo nome.

Uma Família com Problemas

Contudo, não é necessário ver o telejornal para sabermos que não estamos a agir como irmãos e irmãs. Pensemos nas guerras que fazem estragos no mundo, frequentemente sob a bandeira de Deus ou de algum outro deus. Observemos quão rudes alguns são para os outros, quão egoístas e ofensivos. Se somos uma família, somos uma família muito disfuncional.

Apesar disso, as Escrituras dizem que todos viemos do mesmo homem e da mesma mulher, que foram criados pelo mesmo Deus: “E, de um só, fez toda a geração de homens, para habitar sobre toda a face da terra” (Atos 17:26). Quer gostemos, quer não, estamos relacionados.

Não há muito tempo, duas famílias estavam num avião no aeroporto Reagan, em Washington D.C.. Os dois homens, que eram irmãos, falavam sobre um artigo que tinham lido acerca do lugar mais seguro num avião em caso de acidente. Um disse ao outro: “Parece que, neste voo, estamos sentados junto aos motores.”

Poucos minutos depois, um agente do FBI entrou no avião e levou um dos irmãos e a sua esposa, e mais tarde os restantes membros da família. Finalmente, foi ordenado a todos os passageiros que descessem. Quando foram interrogadas, estas famílias perceberam que tinham sido a causa do atraso do voo. Um passageiro ouviu os dois homens mencionarem os motores do avião e enviou uma mensagem à hospedeira porque pensou que podiam ser terroristas.

Quando descobriram quem eram essas pessoas, as autoridades sentiram-se envergonhadas. Um



era um respeitado médico e o outro era advogado. Mesmo sendo muçulmanos, tinham nascido e crescido nos Estados Unidos e falavam um inglês perfeito. A sua viagem tinha sido interrompida, não pelo que eram, mas pelo que alguém tinha *assumido* que eram.

As diferenças de raça, de religião e de etnia, frequentemente, interferem com a fraternidade humana. Tiramos conclusões precipitadas sobre os outros com base no seu aspeto, língua ou cultura. Porém, a paternidade de Deus não depende da nossa atitude para com os demais. “Mas, agora, ó Senhor, Tu és nosso Pai: nós o barro, e Tu o nosso oleiro; e todos nós obra das Tuas mãos” (Isa. 64:8). Termos formas e cores diferentes revela a capacidade artística do Mestre Oleiro.

Jesus não esperava que os filhos do Seu Pai, nesta Terra, comessem imediatamente a viver como uma família feliz como resultado do Seu ministério de amor. No entanto, deixou-nos uma forma de experimentarmos algo do que tinha em mente antes que o pecado entrasse neste mundo. Desde que Jesus esteve aqui, aqueles que reconhecem que Deus é seu Pai reúnem-se para pôr em prática a bondade e o amor com os seus irmãos e irmãs.

A Família da Igreja

O lugar onde nos reunimos chama-se “igreja” e é composta por to-

dos aqueles que amam Jesus. Onde estiverem reunidos dois ou três irmãos, Jesus promete estar ali com eles (ver Mat. 18:20). Jesus descreveu a Igreja como um lugar para nos afastarmos da competição, do stresse e da violência do mundo, um lugar onde nos tratamos com o tipo de amor altruísta que caracterizou a Sua vida. Para Jesus, isto era tão importante que até mencionou um novo mandamento: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros” (João 13:34).

O próprio Jesus convoca este encontro, porque, tal como Deus é nosso Pai, o Seu Filho é o nosso Irmão mais velho (Heb. 2:11). Na Igreja ideal, tratamo-nos com respeito, não importa qual é a nossa situação. Uma vez que somos iguais diante de Deus, as diferenças étnicas, raciais e mesmo de género desvanecem-se. “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há masculino nem feminino” (Gálatas 3:28). Tal como o corpo humano, a Igreja tem muitas partes, mas umas não devem invejar as outras, porque cada uma tem uma função específica (I Co. 12:20-22).

Cada Sábado, a congregação de que faço parte reúne-se para adorar Deus. Desfrutamos do estudo da Bíblia e da música sacra. Porém, para mim, o mais importante da nossa Igreja é realizado pelos grupos de pessoas que se reúnem para orar uns pelos outros e troca-

rem palavras de ânimo. Os apertos de mão e os abraços, as amizades verdadeiras, os momentos de partilha de notícias felizes, como um casamento ou um nascimento, e das tristes, como os funerais. Uma Igreja, na sua melhor versão, é um reflexo do amor de Cristo.

Quem sabe, talvez tenha estado numa Igreja que não o impressionou pela sua bondade. Sinto muito se esta foi a sua experiência. Não nos deveria surpreender, porque mesmo os melhores Cristãos são seres humanos. Até na Igreja primitiva, existiam discussões sobre o poder, as classes sociais, os grupos étnicos e os pontos de doutrina.

Contudo, uma Igreja não se baseia somente nas Escrituras. A nossa compreensão do Deus infinito (é disso que trata a doutrina) nunca será plena (I Co. 13:9). Mas as boas relações humanas, nas quais comunicamos as verdades divinas através de ações de amor e as demonstramos na nossa vida (Efé. 4:15), identificam-nos como Igreja. “Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:35). A chave para ser um Cristão feliz é conhecer a família de Deus. Porque, quanto mais perto estivermos dos Seus filhos, mais perto estaremos do nosso Pai. ♣

• Loren Seibold,

colaboradora da revista *Signs of the Times* (*Sinais dos Tempos*)



Meditações Matinais

Um livro sobre *Apocalipse*, com uma perspectiva diferente de qualquer outro já escrito. Ele procura encontrar na **profecia bíblica**, não um satisfazer da nossa curiosidade quanto ao futuro, mas ensinamentos para dirigir a nossa vida, hoje. Este sempre foi, afinal, o **propósito de Deus**.

2013



Encomende já na livraria da sua igreja!